



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JAYNE BEATRIZ DA SILVA LÉRIO

**O REALISMO FANTÁSTICO NA LITERATURA CHINESA: UMA ANÁLISE DA
TRILOGIA “A GUERRA DA PAPOULA” DE R.F. KUANG**

JOÃO PESSOA
2024

JAYNE BEATRIZ DA SILVA LÉRIO

**O REALISMO FANTÁSTICO NA LITERATURA CHINESA: UMA ANÁLISE DA
TRILOGIA “A GUERRA DA PAPOULA” DE R.F. KUANG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Salgado Rodrigues

JOÃO PESSOA
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L615r Lério, Jayne Beatriz da Silva.

O realismo fantástico na literatura chinesa [manuscrito] :
uma análise da trilogia "A guerra da papoula" de R. F. Kuang /
Jayne Beatriz da Silva Lério. - 2024.

64 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Bernardo Salgado Rodrigues,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Literatura chinesa. 2. Realidade chinesa. 3. Realismo
fantástico. 4. China. 5. Fantasia. I. Título

21. ed. CDD 931.01

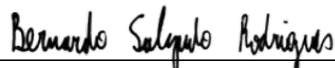
JAYNE BEATRIZ DA SILVA LÉRIO

**O REALISMO FANTÁSTICO NA LITERATURA CHINESA: UMA ANÁLISE DA
TRILOGIA “A GUERRA DA PAPOULA” DE R. F. KUANG**

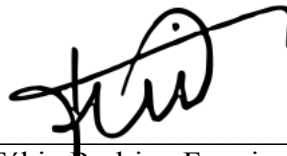
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 27/02/2024.

BANCA EXAMINADORA



Bernardo Salgado Rodrigues (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre
Universidade do Estadual da Paraíba (UEPB)



Alana Camoça Gonçalves de Oliveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

À minha mãe e irmã, por cultivarem em mim o amor pela leitura.

In order for me to write poetry that isn't political, I must listen to the birds, and in order to hear the birds, the warplanes must be silent.

Marwan Makhoul

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2ª GSJ	Segunda Guerra Sino-Japonesa
2ª GM	Segunda Guerra Mundial
EUA	Estados Unidos da América
EPL	Exército Popular da Libertação
KMT	Kuomintang
PCC	Partido Comunista Chinês
RPC	República Popular da China
RI	Relações Internacionais
SI	Sistema Internacional
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
2 UMA INTRODUÇÃO AO REALISMO FANTÁSTICO.....	10
3 LIVRO 1: A GUERRA DA PAPOULA E A HISTÓRIA DA CHINA.....	16
3.1 PARTE I: O IMPÉRIO NIKARA.....	17
3.2 PARTE II: A TERCEIRA GUERRA DA PAPOULA E A SEGUNDA GUERRA SINO-JAPONESA (1937-1945).....	22
3.3 PARTE III: O FIM DA TERCEIRA GUERRA DA PAPOULA E O MASSACRE DE NANQUIM.....	25
4 LIVRO 2: A REPÚBLICA DO DRAGÃO E A INTRODUÇÃO À GUERRA CIVIL CHINESA.....	31
4.1 PARTE I E II: A DEMOCRACIA DE YIN VAISRA E OS LÍDERES DA CHINA...	33
4.2 PARTE III: A REPÚBLICA NIKARA.....	38
5 LIVRO TRÊS: A DEUSA EM CHAMAS E A ASCENSÃO DE MAO TSÉ-TUNG AO PODER.....	41
5.1 PARTE I: A LIBERTAÇÃO DO SUL DE NIKAN.....	42
5.2 PARTE II: INTERPRETAÇÕES DE DIVINDADE E A GUERRA CIVIL DA CHINA	44
5.3 PARTE III: O TRIUNFO DE MAO TSÉ-TUNG E A RUÍNA DE FANG RUNIN....	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

O REALISMO FANTÁSTICO NA LITERATURA CHINESA: UMA ANÁLISE DA TRILOGIA “A GUERRA DA PAPOULA” DE R.F. KUANG

Jayne Beatriz da Silva Lério¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a utilização da teoria do Realismo Fantástico na literatura chinesa, a partir de uma perspectiva comparativa da trilogia “A Guerra da Papoula”, da autora R.F. Kuang, com a história política e militar da China. O artigo se preocupa em apontar a manifestação da realidade chinesa através da fantasia escrita por Kuang, trazendo à tona pontos principais presentes nos três livros inspirados por períodos e personalidades históricas do país. Busca compreender a literatura fantástica da trilogia como um instrumento para fomentar a imagem da China. Seu desenvolvimento se respaldou na pesquisa historiográfica sobre a China e no método de análise comparativa de caráter qualitativo. Para a fundamentação teórica foram utilizados livros, artigos e periódicos sobre o Realismo Fantástico e sua aplicação na literatura.

Palavras-Chave: China; fantasia; literatura; realidade; Realismo Fantástico.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the use of the theory of Fantastic Realism in Chinese literature, from a comparative perspective of the trilogy "The Poppy War", by the author R.F. Kuang, with the political and military history of China. The article is concerned with pointing out the manifestation of Chinese reality through the fantasy written by Kuang, bringing to light main points present in the three books inspired by historical periods and personalities of the country. It seeks to understand the fantastic literature of the trilogy as an instrument to foster the image of China. Its development was based on historiographical research on China and on the method of qualitative comparative analysis. For the theoretical foundation, books, articles and periodicals about Fantastic Realism and its application in literature were used.

Keywords: China; fantasy; literature; reality; Fantastic Realism.

¹ Bacharelanda do curso de Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: jaynelerioo@gmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As criações de um autor podem dizer, em sua maioria, sobre sua visão de mundo ou sobre o mundo que ele veio. Quando Maquiavel define em *O Príncipe* a construção de um homem ideal que conseguiria unificar e regenerar seu país, ele projeta em seus textos a expectativa de encontrar a resolução dos problemas de uma Itália dividida como um mosaico, politicamente instável e suscetível a invasões estrangeiras (Weffort, 2001). Ou quando Edward Carr, em *Vinte anos de Crise*, define a antítese utopia-realidade como uma balança, que se afasta e se aproxima do equilíbrio sem nunca o atingir completamente, ele aponta uma realidade observada durante o período posterior a finalização da Primeira Guerra Mundial e a inevitável eclosão da Segunda em 1939, apenas alguns anos após a primeira (Carr, 1981).

Assim como tantos autores que incorporam em seus textos a realidade do que viram, estudaram ou viveram, R.F. Kuang cria *A Guerra da Papoula* inspirada na China. Kuang é chinesa, e ao estudar sobre a história da China, transformou a narrativa sobre os fatos históricos de seu país em uma literatura fantástica que mescla a realidade com a existência de deuses e monstros. Os três livros contam a trajetória da protagonista, Fang Runin, que vive em um país politicamente instável dominado pelo vício em ópio, que ao se tornar uma xamã, utiliza o poder da deusa Fênix para derrubar o sistema político do país. A trilogia é uma fantasia militar narrada em primeira pessoa, por Runin, que vai de órfã no primeiro livro, à líder de uma revolução camponesa no terceiro. A incorporação desses fatos históricos na fantasia será analisada, neste trabalho, através do Realismo Fantástico. Kuang diz que a pergunta que a trilogia tenta responder é: “[...] how does somebody go from being an irrelevant, backwater, peasant nobody to being a megalomaniac dictator capable of killing millions of people?” (Sondheimer, 2020 apud Healey, 2021). A figura de Runin é inspirada na trajetória e ascensão de Mao Tsé-Tung ao poder, no entanto, a trilogia se propõe a capturar as movimentações políticas e militares desde a unificação da China, por volta de 221 a.C., até a Revolução Chinesa, em 1949.

O Realismo Fantástico é uma teoria caracterizada pela correlação entre o real e o fictício. Quando é utilizado na literatura, a teoria concede ao escritor a alternativa de contar a história de forma mais autônoma. Apesar da liberdade que o Realismo Fantástico fornece para contar a realidade, os textos que empregam a teoria são destacados por sua relevância na narrativa sobre a história, principalmente em países marginalizados pelo Sistema Internacional, expressando-a de acordo com a memória e vivência de sua população. É

possível encontrar nas obras de Gabriel García Márquez, Isabel Allende e Jorge Amado características que remetem à definição da teoria. Assim sendo, o presente trabalho visa a importância da teoria do Realismo Fantástico em países do Sul Global, propondo-se a identificar o uso e influência da teoria na literatura chinesa, representada pela trilogia *A Guerra da Papoula* da autora R.F. Kuang, além de buscar compreender a literatura fantástica de Kuang como expressão de estímulo ao conhecimento sobre a China, através de uma pesquisa historiográfica sobre o país, utilizando o método de análise comparativa de cunho qualitativo, com citações de passagens presentes no livros para evidenciar a utilização da trajetória chinesa para a realização da trilogia. A conclusão da pesquisa traz o entendimento que a teoria do Realismo Fantástico expresso na trilogia conferiu a R.F. Kuang a possibilidade de apresentar a visão de uma geração sobre traumas que ultrapassam o espaço-tempo, contribuindo para a promoção do conhecimento e do fortalecimento da literatura regional da China, estimulando o desenvolvimento de trabalhos sobre o país ao relembrar fatos históricos que modificaram sua estrutura política, social e econômica, caracterizando a trilogia como um instrumento contra-hegemônico e que fomenta a imagem da China.

O estudo se divide, fora as considerações iniciais e finais, em quatro partes. Na primeira seção será discutida a teoria do Realismo Fantástico, seu conteúdo e como ela é aplicada na arte, principalmente na literatura, delineando um paralelo com a teoria do Realismo tradicional, apontando, ainda que brevemente, a literatura regional fantástica-realista como um instrumento de promoção ao conhecimento. Na segunda seção será analisado o primeiro livro, *A Guerra da Papoula* (2022), que conta a história da protagonista Fang Runin, desde sua trajetória até a escola militar de Sinegard até sua participação na Terceira Guerra da Papoula. Neste livro Kuang utilizará os aspectos históricos da unificação da China, do Século de Humilhação e da Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945) para desenvolver o primeiro livro da trilogia. Na terceira seção será analisado o segundo livro, *A República do Dragão* (2023), e a influência de personalidades políticas, como a de Chiang Kai-Shek, na Guerra Civil da China e na construção de uma identidade chinesa incorporadas na personalidade de Yin Vaisra e na Guerra Civil de Nikan, país fictício da trilogia. Na quarta seção será estudado o terceiro livro da trilogia, *A Deusa em Chamas* (2023), que contará o desenrolar e finalização da Guerra Civil, a criação do Exército Vermelho, a chegada de Mao Tsé-Tung e do Partido Comunista da China ao poder, sendo identificados na fantasia com o amparo da teoria do Realismo Fantástico.

2 UMA INTRODUÇÃO AO REALISMO FANTÁSTICO

O universo fantástico existe para tentar explicar a realidade através das manifestações culturais e experiências de um povo. Os dramaturgos gregos encontravam nas manifestações divinas respostas sobre os fenômenos naturais, sociais e políticos que vivenciavam. Pedra (2013) diz que há teóricos que acreditam que, no começo, toda forma de fazer literatura era fantástica. Como em *Antígona* (442 a.C.) de Sófocles (que presenciou a expansão e a derrocada do império ateniense), o autor contará na peça sobre uma mulher que vivia sob o comando de um tirano, sendo ele abençoado pelos deuses, tendo suas ordens e leis como expressão da vontade deles. Ainda que seja visualizada a evolução da ciência, da literatura e da tecnologia, entretanto, o fantástico permanece até hoje intrínseco na arte e na vida humana.

Essas histórias que afloram na mente do ser humano são preservadas ao longo do tempo e se tornam imortais. Recorrendo aos mitos europeus, podemos citar o já conhecido panteão grego, com deuses e titãs dotados de poderes que extrapolam as leis tais como conhecemos. No extremo oriente, temos a milenar China, com seus dragões e suas simbologias; ou, trazendo nosso foco para as Américas, podemos citar o México e a sua cultura ligada à morte, além do próprio Brasil onde os mitos folclóricos, tais como o Boi Bumbá, Iara, Saci-Pererê, a Mula Sem-Cabeça, a Caipora, o Curupira, foram preservados até os dias atuais, e são conhecidos por boa parte da população brasileira. Todas estas histórias estão cercadas de acontecimentos inexplicáveis, ou sobrenaturais. (Silva e Lourenço, 2016).

Encontrado na literatura, no cinema e em outras formas de expressões artísticas, a teoria do Realismo Fantástico se manifesta através da combinação entre o real e o irreal ao construir uma versão da realidade que não segue o padrão lógico-científico exigido nos textos e documentos sobre a história. Em sua execução, o realismo fantástico irá fazer uso de subterfúgios que deixam em dúvida a logicidade do espectador, como a atribuição de poderes, comportamentos ou aparência exóticas aos personagens e a criação de seres míticos, sendo esses indissolúveis à realidade narrada na obra: “O evento sobrenatural surge em meio a um cenário familiar, cotidiano e verossímil. Tudo parece reproduzir a vida cotidiana, a normalidade das experiências conhecidas, quando algo inexplicável e extraordinário rompe a estabilidade deste mundo natural e defronta as personagens com o impasse da razão.” (Marçal, 2009).

Não existe um consenso entre os teóricos sobre o surgimento do fantástico na literatura realista, nem sobre o seu conceito. Segundo Tavares (2003, p.7 apud Maia, 2016), Jorge Luís Borges advertiu certa vez que o fantástico era a linguagem preferida dos escritores do mundo inteiro, em todos os tempos, e que o realismo não passava de “uma excentricidade recente”. Para H.P Lovecraft, em seu livro *O horror sobrenatural na literatura*, o fantástico estaria ligado à literatura desde o momento em que o homem adquiriu o poder da linguagem (Carmo,

2015). Há autores que acreditam, no entanto, que o realismo fantástico surge durante a Idade Média, em meio às confabulações da Igreja Católica sobre a existência de bruxas e seres folclóricos que permanecem até hoje no imaginário popular. De acordo com Oliveira Rocha e Jaeckel (2022), a tendência ao racional propagado pelo movimento Iluminista durante o século XVIII, o Século das Luzes, contribuiu para que o fantástico surgisse, como uma resposta ao movimento, de forma paralela a essa racionalidade. “Nesse momento, em que o homem reinventa o fantástico de acordo com o pensamento de sua época, na literatura, teremos um imaginário que é transposto ao papel de modo a conter elementos perturbadores e inexplicáveis em relação à lógica racional.” (Oliveira Rocha e Jaeckel, 2022).

Parafrazeando Pedra (2013), ao que parece, o fantástico, ao tentar ser conceituado de um modo mais específico e rigoroso, se rebela e não se prende a uma única definição mais categórica. Mesmo não existindo um consenso sobre a teoria, o realismo fantástico se apresenta de forma semelhante nas variações que é submetida, ou seja, a fantasia interligada à realidade. A percepção do realismo fantástico na literatura, de acordo com Todorov (1975 apud Marçal, 2009), acontece de forma individual. Para ele, o critério do fantástico se situa na experiência do leitor, e não na obra, sendo cada experiência única. Ela se expressará através da hesitação do espectador ou do narrador diante do que está sendo descrito no texto, podendo ou não ter uma explicação sobre a ação realizada.

Em *A Guerra da Papoula* de R.F. Kuang, um dos livros estudados neste trabalho, há essa hesitação da personagem Fang Runin diante da fala de seu tutor, Jiang, ao afirmar que após um homem, Bodhidharma, ter seu acesso negado a um monastério, não permitindo sua entrada ao local, este se senta em uma caverna e encara a parede por nove anos, ouvindo os gritos das formigas: “Ouvindo o *quê?*” diz Rin, “O grito das formigas, Runin. Preste atenção”, responde seu tutor (Kuang, 2022, p. 113). Oliveira Rocha e Jaeckel (2022) apontam outra experiência como essa em *A revoada (o enterro do diabo)*, de Gabriel García Márquez, em que um personagem pede que lhe preparem capim como refeição

Ao ler tais cenas, assim como explicitado por Todorov, o(a) leitor(a), provavelmente, se sentirá em dúvida quanto à razoabilidade de um ser humano se alimentar de capim, ou seja, ele(a) hesitará ante a probabilidade de um evento como esse acontecer na realidade. (Oliveira Rocha e Jaeckel, 2022).

Diante disso, fica aberto à interpretação do leitor e dos personagens a razão daquilo ter acontecido. A incredulidade de Rin ao ouvir sobre o grito das formigas, e em seguida a aceitação, pois não lhe é esclarecido como ou por quê Bodhidharma as ouve gritando. A hesitação ou perplexidade fica subentendida como uma condição para o fantástico existir (Todorov, 1975 apud Maia, 2016). Não se deve, porém, aceitar a leitura de um texto fantástico

como simplesmente alegórico porque essa interpretação seria mais fácil (Todorov, 2004 apud Coutinho, 2012). Somado a isso, a narração em primeira pessoa influencia na interpretação do leitor quanto ao uso da teoria pois: “[...] o pronome em primeira pessoa coloca o narrador como “narrador-personagem”, um duplo jogo em que o leitor não suspeita das intenções/interpretações do narrador, esquecendo-se que este também é uma personagem.” (Pereira, 2014, p. 14). Forma-se, então, de acordo com Pires (2016), um pacto entre o leitor, escritor e os personagens, em que não se abre espaço no texto para questionar sobre a verossimilhança dos fatos.

A teoria do realismo fantástico é frequentemente usada como um instrumento contra-hegemônico, uma resposta à literatura eurocêntrica realizada pelos países do Norte Global². É válido ressaltar que o realismo fantástico não é um fenômeno geográfico, ou seja, não é apenas utilizado em regiões específicas, como dito por Cerqueira (2010), ao estudar sobre o uso da teoria nos contos de Neil Gaiman, autor britânico. Entretanto, o realismo fantástico na literatura dos países do Sul Global serviu de aparato para resistência:

O sobrenatural, o ocultismo, a magia, o pensamento mágico e religioso são relegados à marginalidade e são negados sistematicamente por uma ideologia burguesa racionalista que identifica tais temas e formas de concepção de mundo com uma cultura primitiva e "devidamente dominada" pela superioridade da sua civilização. O conto maravilhoso foi apropriado pelo mundo burguês como anti-modelo instrutivo daquilo em que não se pode crer, porque sua estrutura inverossímil e hermética não abala as coordenadas racionais sobre as quais se apoia a dicotomia excludente entre o real e o irreal. (Marçal, 2009).

A título de exemplo, no século XX, a América Latina passou por um período turbulento em que foi refém de governos antidemocráticos, censura e violência. Durante essa época, os autores buscavam meios de expressar sua insatisfação com a repressão das ditaduras através da ambiguidade de seus textos, trazidas à tona através da literatura fantástica realista.

No contexto histórico, o realismo mágico surgiu num dos períodos mais conturbados da América Latina. Entre as décadas de 1960 e 1970, os países latino-americanos viviam a instalação de regimes de governo marcadamente ditatoriais. O realismo surge como uma forma de reação, utilizando o elemento mágico como reforço das palavras contrárias aos regimes dos ditadores, tentando driblar a censura comum a esses regimes. (Maia, 2016)

A expressão da arte durante períodos críticos refletirá a realidade através mecanismos que poderão passar despercebidos quando vistas sem profundidade, sem um olhar crítico. A inserção de fenômenos sobrenaturais na literatura pode deixar o espectador confuso sobre o

² Mohanty (2006) explica que Norte e Sul Global são termos utilizados para distinguir nações privilegiadas e desenvolvidas (Norte) daquelas em desenvolvimento que são econômica e politicamente marginalizadas (Sul). Apesar dos termos referenciarem aos hemisférios Norte e Sul, a classificação dos países não se limita à coordenadas geográficas.

quanto do que está ele está consumindo é real ou apenas fantasia, pois não ocorre a delimitação dos dois.

Em outras palavras, na função social, é comum o leitor ficar em dúvida quanto aos fatos sobrenaturais. Esses poderão parecer um motivo para usar o fantástico sem ser penalizado por deixar explícita a crítica na obra. O fantástico é uma arma de combate contra formas de censurar por tratar de temas tabus. (Gomes e Kist, 2017)

Na trilogia *A Guerra da Papoula*, R.F. Kuang irá levar o leitor a se aprofundar na história da China através de uma fantasia brutal sobre uma órfã que comunga com os deuses. Assim como Isabel Allende em *A Casa dos Espíritos* (1982), e Gabriel García Márquez em *Cem anos de Solidão* (1967), R.F. Kuang escreve sobre um período histórico que marcou e permanece vivo na memória de um povo, sendo passada adiante por gerações. A similaridade entre essas obras distintas reside no realismo fantástico, sendo o pano de fundo da realidade sociopolítica dos países latino-americanos, apontados na literatura de García Márquez e Allende, e da chinesa, pela ótica da trilogia de Kuang, favoráveis ao desenvolvimento de narrativas que contenham a teoria, por serem regiões marginalizadas no Sistema Internacional.

A literatura fantástica é, por vezes, expressão da realidade da vida ou dos países de seus autores. Não é incomum notar a incorporação de histórias e lendas que são contadas durante a infância, passadas adiante por gerações, variando com a região que está sendo falada, à realidade que retratam em seus textos. Isso contribui para o fortalecimento da literatura regional, que é colocada em segundo plano em favor da literatura eurocêntrica. Siffert (2021) afirma, contudo, que apesar das experiências específicas do autor, elas são construídas socialmente e sofrem influências históricas que são decisivas no processo criativo, apenas alteradas de acordo com os embates, mundial ou nacional, que são referenciados nos textos.

A autora da trilogia analisada neste trabalho, R.F. Kuang, é chinesa e mestre em Filosofia na área de Estudos Chineses e Estudos Chineses Contemporâneos. Ao escrever sobre uma fantasia militar, Kuang coloca em destaque a história da China, que durante anos foi explorada por países imperialistas, mas que teve sua trajetória menosprezada por eles.

Explorations of this traumatic period and its aftermath pervade modern Chinese literature and film, sparking extensive scholarly analysis on the relationship between history, literature, trauma, and memory. Expanding on these themes, this essay considers the unique potential of speculative generic conventions to reimagine China's late-nineteenth and early-twentieth century colonial encounters in fiction and film. Speculative fiction provides fertile ground for meditation on empire and its aftermath. (Elliot, 2019)

É a partir dessa ideia que a trilogia *A Guerra da Papoula* é executada, a história de um país sendo lembrada através da literatura fantástica. O realismo fantástico contribui, portanto, para a formação de uma literatura regional que representa uma realidade que não está mais facilmente disponível, ao tentar reconstruir o passado trágico que foi, ou é, negado por aqueles que se beneficiaram de seu apagamento (Coutinho, 2012).

Embora exista incerteza sobre o início do uso do fantástico na literatura, o Realismo Fantástico como escola literária, derivada do Realismo, surge e tem seu ápice no século XX (Gomes e Kist, 2017). Ele tem em suas obras da época a abordagem de acontecimentos que mudaram não só a configuração do Sistema Internacional, como as duas guerras mundiais e a guerra fria, mas também a estrutura política, social e econômica dos países, como as ditaduras e guerras civis nos países do Sul Global. O comprometimento com a realidade presente no realismo se expressa no realismo fantástico através de uma lente diferente do que é propagado pela teoria tradicional. Essa diferença pode ser compreendida quando vista a partir da contribuição que a Virada Estética traz para o campo das Relações Internacionais. Para Panagia (2009, apud De Jesus e Téllez, 2014) a experiência estética possui um potencial político ao apresentar uma sensação que interrompe as maneiras convencionais de perceber e valorizar o mundo, além de apontar a experiência do sensível como fonte de interrupções que permitem o questionamento de autoridades estabelecidas e a possibilidade de reconfigurar a ordem política.

O Realismo, como teoria clássica das Relações Internacionais, apresenta-se como resposta ao Idealismo, propagado no mundo após a 1ª Guerra Mundial, a partir da rejeição do utopismo presente nele, perante a não resolução de conflitos e a falha em evitar a eclosão de uma nova guerra (alguns anos após da primeira). O realismo se fundamenta na percepção da realidade como ela é, como se apresenta de fato, mediante uma visão pessimista da natureza humana, tendo como referência teóricos como Hobbes, Maquiavel e Morgenthau (Feng e Ruizhuang, 2006).

Inspirada em Maquiavel e principalmente em Hobbes, com seu estado de natureza de “guerra de todos contra todos”, a teoria realista surgiu em contraposição ao idealismo, e no século XX - período de maior sistematização - seus primeiros autores foram Edward Carr (1981) e principalmente Hans Morgenthau (1985) (de Lacerda, 2006)

Apesar de seguir o pressuposto teórico de expressar a realidade, o realismo fantástico usará de mecanismos que são rejeitados pelo realismo tradicional, ou seja, métodos que não são usados pela teoria para descrevê-la. O realismo tem em seu âmbito uma certa rigidez ao estudar a realidade, prezando por demonstrá-la sem meandros, o que no início, pela

perspectiva das RI, contribuiria para prever movimentações dos Estados no SI. Edward Carr aponta que “[...] o realista analisa um curso de desenvolvimento predeterminado, que ele é impotente para modificar” (Carr, 1981, p. 60). O realismo fantástico, por ser uma teoria usada, normalmente, na arte, não se prende às concepções inflexíveis do realismo. Segundo Bleicker (2009 apud De Jesus e Téllez, 2014) a arte pode definir a forma como eventos passados podem ser entendidos e como problemas futuros podem ser enfrentados, servindo a outros fins, não sendo confinada a ser um instrumento de propaganda ou a manobras políticas de curto prazo. Por exemplo, em *O Labirinto do Fauno* (2006), filme do cineasta Guillermo del Toro, é retratado a resistência frente à repressão do regime totalitário de Franco, durante a guerra civil espanhola, ocorrendo paralelamente à busca de Ofélia para voltar ao seu reino subterrâneo. Trata-se de uma narrativa histórica real (a resistência contra o governo nazifascista de Franco), inserida em um mundo de fantasia em que uma menina recebe conselhos de um fauno para voltar a ser princesa.

Essa dualidade demonstra, ao mesmo tempo, a similaridade — a representação da realidade, como ela é ou como aconteceu — e a diferença — sendo por meios fantasiosos e sobrenaturais — entre as duas teorias. Indo ao encontro dessa dualidade, Todorov (1975, p. 37 apud Gomes e Kist, 2017) afirma que:

[...] o fantástico necessita do real. É a partir do real que ele surge, por intermédio de acontecimentos incapazes de serem realidades: “O fantástico implica, pois, na integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados.

Portanto, o Realismo Fantástico necessita do Realismo para ser concebido, mas não se prende ao padrão lógico-científico exigido pela teoria tradicional. A forma da abordagem da realidade irá variar de acordo com o propósito do autor, pois, como dito, o realismo fantástico não se prende a conceitos únicos.

A principal propriedade do fantástico realista é similar à de todo autêntico realismo, isto é: a capacidade de capturar a essência da realidade condensando numa forma estética original e viva as mais marcantes determinações sociais dessa realidade. Assim, pressupõe a busca de ir além das aparências para retratar o movimento processual que de fato move a história, mas que é inapreensível para as percepções imediatas. (Siffert, 2021, p. 52)

Siffert (2021) ainda adiciona que “[...] a noção do “realismo do fantástico” é inseparável da concepção sobre a realidade, pois é essa concepção que fornece os elementos tanto do conteúdo quanto da forma das obras de arte.” Desse modo, mesmo indo na direção contrária da convicção do Realismo sobre ideais fantasiosos, o Realismo Fantástico se atém

ao seu princípio formador: a representação da realidade, mediante seus termos, pois ela é indispensável à realização da literatura fantástica.

Dentro dessas características, Kuang desenvolveu sua escrita em *A Guerra da Papoula*. Sem se desprender da realidade, mas contando-a por seus meios, o primeiro livro da trilogia é executado. A autora cria com maestria um universo fantástico em que xamãs comungam com deuses em um país que luta contra o vício em ópio e a corrupção dos senhores de guerra. As semelhanças com a realidade chinesa fazem do Realismo Fantástico a teoria ideal para melhor compreensão da obra, possibilitando a imersão do leitor em uma narrativa cativante que contribui para a ampliação do conhecimento sobre a China.

3 LIVRO 1: A GUERRA DA PAPOULA E A HISTÓRIA DA CHINA

Intitulado em referência a flor que dá origem ao ópio, o primeiro livro da trilogia irá iniciar contando a história de Fang Runin, uma órfã de guerra que trabalha na loja de sua família adotiva no vilarejo de Tikany, na Província do Galo, no Império Nikara, usada como fachada para o tráfico de ópio, onde sua posse é considerada crime capital no país após duas Guerras da Papoula que assolaram seu território. Após ser forçada a aceitar se casar com um homem mais velho, Rin estuda por dois anos para fazer o Keju, uma prova realizada para encontrar os melhores estudantes do império, e entrar em Sineward, a instituição militar de elite do país.

Ao estudar sobre os assuntos obrigatórios para o Keju, Runin contará a história de Nikan, indo desde a sua unificação até tumultos que levaram posteriormente a divisão do país em doze províncias. É possível ver como Kuang faz referência à história chinesa, das mais simples, como a nomeação das províncias de acordo com o horóscopo chinês, até o fato da dificuldade dos países imperialistas em invadir e colonizar a China integralmente, abordando até as duas Guerras do Ópio que o país enfrentou.

Desde então, o gigantesco país havia sido reunificado, conquistado, explorado, dividido e então reunificado de novo. Nikan entrara em guerra com os khans das Terras Remotas, ao norte, e com os ocidentais altos vindos do outro lado do mar extenso. Em ambas ocasiões, Nikan se provara grande demais para sofrer uma ocupação estrangeira por muito tempo. (Kuang, p. 25, 2022)

Nesse trecho do livro sobre a história de Nikan, percebe-se uma breve referência a acontecimentos históricos situados na China, ocorrendo, apenas, a substituição dos nomes, mas não tendo seus fatos totalmente modificados

Pouco antes do fim do imperialismo, houve a invasão de seu território por diversas nações européias, a ponto de estas acharem que tinham o direito de colocar placas com os dizeres “proibido cães e chineses” em jardins localizados em suas cidades. O Japão também pintou e bordou dentro daquele país a ponto de se achar o dono do

território, sonho que só acabou com sua derrota para os Aliados na II Guerra Mundial. (Couto, 2008)

Apesar de hoje ser reconhecida como uma nação fortalecida que se projeta política e economicamente no Sistema Internacional, a trajetória da China é caracterizada por sua instabilidade. A identidade nacional chinesa se formou através dessa insegurança, após anos de humilhações provenientes das Guerras do Ópio e das duas Guerras Sino-Japonesas, o nacionalismo chinês se fortaleceu e permanece até hoje intrínseco em sua cultura. Para Zhou (2021), o conceito de nação chinesa está enraizado de forma profunda no coração do povo chinês, como uma crença firme e inabalável, cultivada ao longo dos anos, além de ser um “poder suave para o desenvolvimento da China.”

É baseado em situações que transformaram a China que R.F. Kuang vai desenvolver o primeiro livro da trilogia, ao correlacionar a realidade do país com a história do Império Nikara. De forma geral, ele abordará a eclosão e o encerramento da Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945), mas em seu desenvolvimento serão mostradas as raízes do conflito e as consequências do que um país frequentemente explorado faz com sua população. Dividido em três partes e narrado em primeira pessoa, *A Guerra da Papoula* mostrará a jornada de Rin, uma camponesa de pele escura vinda do sul do país que mudará o curso da história de Nikan.

3.1 PARTE I: O IMPÉRIO NIKARA

A história do Império Nikara será apresentada de forma inicial por Rin logo em seu primeiro capítulo e, com isso, já é possível ver sinais do realismo fantástico na escrita de Kuang. Durante anos a China foi governada por dinastias que administravam o Império através de sistemas de controle burocráticos. Nesse contexto, é a dinastia Qin que mais contribuiu para a consolidação da China como país. Isso só foi possível por conta de Qin Shi Huang Di (260-210 a.C), que unificou a China, por volta de 221 a.C, e se tornou o primeiro rei e imperador a governá-la depois da unificação. Porém, sua dinastia foi derrotada e substituída após quatro anos de sua morte (Couto, 2008). Kuang usará a história da unificação da China como inspiração para a do país fictício:

O Império tinha se formado havia mil anos, sob a poderosa espada do impiedoso Imperador Vermelho, que havia destruído as ordens monásticas espalhadas pelo continente e criado um estado unificado de proporções jamais vistas. O povo nikara se enxergara como uma só nação pela primeira vez. (Kuang, p. 24-25, 2022)

Assim como a dinastia Qin, o recém-formado Império Nikara não resiste à morte de seu Imperador e é derrubado, levando novamente à sua divisão. As últimas dinastias chinesas foram Ming e Qing, ambas tendo grande impacto no sistema político, econômico e social da China. Uma alusão às práticas realizadas durante a vigência das dinastias é o exame Keju, que Rin faz para entrar em Sineward. Durante a realização da prova, os candidatos ficam confusos diante das regras rígidas impostas para que o teste possa começar

- Tire a roupa. Rin piscou, confusa. — Hã? O fiscal ergueu o olhar do livreto para ela. — Protocolo para prevenção de cola. [...]
- No ano passado, doze estudantes foram flagrados com papéis costurados no forro das camisas. É uma precaução. [...]
- Deixem as mãos onde possamos vê-las — ordenou o fiscal, caminhando até o início da fila. — As mangas devem ficar dobradas acima dos cotovelos. Deste momento em diante, estão proibidos de conversar entre si. Se precisarem urinar, levantem a mão. Há um balde nos fundos da sala.
- E se eu precisar cagar? — perguntou um garoto. O fiscal o encarou.
- O teste leva doze horas — insistiu o garoto, preocupado. O homem deu de ombros.
- Tente ser discreto. (Kuang, 2022, p. 13-14)

Mesmo parecendo irreal um teste durar doze horas, o Keju seria o equivalente aos Exames Imperiais realizados na China durante as dinastias de Ming e Qing, que davam acesso a uma carreira “pública” e traziam honra às famílias daqueles que passavam (Artuza, 2020). A inspiração para a dureza da prova veio através da difusão da filosofia Confuciana no país e da meritocracia propagada por ela. O Confucionismo tornou-se a ideologia oficial do Estado durante a Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), influenciando fortemente o sistema educacional e a burocracia imperial.

The ideology of meritocracy in China originated in the ancient Chinese philosophy of Confucianism. The Chinese ‘Confucian order’ was a ‘civilization state order’ that predetermines (1) the acceptance of a mono moral and sociopolitical arrangement, in which the imperial state (government and elites) enjoyed ‘absolute’ power and ‘natural’ authority, and it permitted no challenge; and (2) the strength and durability of a unique political culture which was centered around the Confucian ethics of order, hierarchy, loyalty, obligation, and obedience. (Xing, 2021, p. 131)

Os exames chegavam a durar dias, com técnicas para evitar trapaças, como o ato de escrever nos forros das vestes, e com um nível de dificuldade que contribuía para que pessoas de classe sociais baixas fossem excluídas da seleção. Apesar de serem considerados exames públicos, o alvo deles eram pessoas da elite, cultas, que tinham acesso a tutores e educação de qualidade desde cedo, o que não condizia com a realidade de muitos. As regras corretas de condutas, o foco exacerbado na ordem e os sistemas fixos na política influenciada pelo Confucionismo contribuía para o reforço desse sistema hierárquico que dificultava a ascensão social das massas (Cordeiro, 2009). É apontado isso no livro quando após Rin ser aprovada, se instalam dúvidas quanto a sua honestidade e a autenticidade do teste:

[...] a nobreza de Tikany se sentia um tanto envergonhada por uma órfã que trabalhava numa loja ter sido a única a conquistar uma vaga em Sinegard. Diversos questionamentos anônimos foram enviados ao centro responsável pelo exame. Quando Rin apareceu na prefeitura para se matricular, foi detida por uma hora. Os fiscais tentaram extrair da garota uma confissão. [...] Não acreditavam que uma garota sem estudos formais fosse capaz de passar no Keju. (Kuang, 2022, p. 32)

E posteriormente, ao ser esnobada por Nezha, outro selecionado para Sinegard e filho do líder da província do Dragão, Rin percebe o abismo social que a separa de seus companheiros de turma:

— O jeito que falam... aquele aluno idiota... é como se achassem que eu não deveria estar aqui.

— É claro que acham isso — respondeu o tutor. — Você é uma órfã de guerra. Vem do sul. Não deveria ter passado no Keju. Os governantes gostam de dizer que o Keju faz de Nikan uma meritocracia, mas o sistema foi planejado para manter os pobres e analfabetos em seu devido lugar. Você os ofende com sua mera presença. (Kuang, 2022, p. 42)

Somado aos aspectos históricos e culturais, Kuang implementa na capital de Nikan as características proeminentes de Xangai, cidade da China. Ao chegar pela primeira vez na cidade, Rin fica surpresa ao notar que Sinegard manifesta em sua arquitetura a expressão de poder de seus invasores, condizente com a descrição de Mitter (2013), ao dizer que Xangai é uma cidade que foi criada pelo imperialismo, mantendo até hoje construções coloniais da época em que as forças britânicas a ocuparam durante e após a Guerra do Ópio.

Em Puxi, que significa ‘a oeste de Huangpu’, estão os edifícios europeus construídos no século XIX e início do XX, quando a cidade foi ocupada por potências externas, que a transformaram em seu quartel general no país. Na outra margem, em Pudong, ‘a leste de Huangpu’, está a materialização da nova China, com suas torres futuristas que, iluminadas à noite, parecem integrar o cenário de Flash Gordon. (Trevisan, 2006 apud Couto 2008)

Ao estudar sobre as guerras que Nikan enfrentou, Rin é elucidada sobre a razão do seu país ter sido forçado a se submeter a acordos desvantajosos após ser derrotado consecutivamente em batalha. Seu mestre, Yim, se refere ao período como a “Era da Humilhação”, em que o Império lutou cinco guerras e perdeu todas. No final do século XIX, apesar do comércio de ópio ser proibido na China, a droga era utilizada por boa parte da população chinesa, ameaçando a estabilidade social do país.

A Índia britânica era o centro da maior parte do cultivo de papoula no mundo, e os comerciantes britânicos e americanos, trabalhando em aliança com contrabandistas chineses, conduziam um negócio agitado. O ópio era, na verdade, um dos poucos produtos estrangeiros a ter progredido no mercado chinês; as célebres manufaturas britânicas eram desprezadas como curiosidades sem valor ou como inferiores aos produtos chineses. A opinião da classe educada ocidental via o comércio do ópio como algo vergonhoso. Entretanto, os mercadores relutavam em largar esse lucrativo negócio. (Kissinger, 2011, p. 39)

A Primeira Guerra do Ópio (1839-1842) teve seu início com a declaração de guerra da Grã-Bretanha contra a China após esta ordenar a expulsão de todos os ingleses do Cantão. A esquadra marinha britânica massacrou a obsoleta marinha chinesa, além de bombardear Nanquim e bloquear as comunicações terrestres com Pequim. A consequência da guerra foi o Tratado de Nanquim, o que daria início a uma série de tratados desiguais que a China seria submetida.

Era essencialmente humilhante, embora os termos fossem menos duros do que a situação militar teria possibilitado aos britânicos impor. Ele estabelecia o pagamento de uma indenização de 6 milhões pela China, a cessão de Hong Kong e a abertura de cinco “portos signatários” pelo litoral, em que os ocidentais teriam permissão para residir e fazer negócios. (Kissinger, 2011, p. 43)

A Segunda Guerra do Ópio (1856-1860), alguns anos depois da primeira, também resultaria na derrota da China contra o país imperialista e na assinatura do Tratado de Tianjin. Vale ressaltar que os conflitos aconteceram durante a dinastia Qing, que, além de lidar com os conflitos com outros países, tinha que lutar paralelamente na Rebelião Taiping (1850-1864), o que contribuiu para sua derrocada. Em 1894, a eclosão da Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), que tinha como base o controle sobre a Coreia, guiou a China para mais uma derrota, aprofundando a humilhação chinesa

Desse modo, à primeira guerra do ópio (1839-1842), seguiram-se a segunda guerra do ópio (1856-1860), a guerra russo-chinesa (1858), a guerra franco-chinesa (1884-1885), a guerra sino-japonesa (1894-1895) e a guerra sino-alemã (1898). Além de Macau, que a China perdera para Portugal desde 1557, Hong Kong passou ao domínio inglês, Qingdao tornou-se possessão alemã, e a Manchúria e Taiwan caíram sob jugo japonês. E Xangai, Ningbo, Fuzhou, Xiamen e Guangzhou (Cantão) foram transformados em portos livres, com suas alfândegas controladas pelas diversas potências estrangeiras, situação que depois se estendeu a outras regiões litorâneas e fluviais chinesas. (Pomar, 2017, p. 31)

Todos esses conflitos e derrotas consecutivas transformaram a China e influenciaram no fortalecimento do nacionalismo chinês. Esse período ficará conhecido como Século da Humilhação Nacional, que só terá seu fim na década de 1940, sendo a vitória do país na Segunda-Guerra Sino-Japonesa um dos pontos principais para virada dessa página no livro da história chinesa.

O período é geralmente considerado como tendo começado em meados do século XIX, na véspera da Primeira Guerra do Ópio, com o vício generalizado do ópio, seguido de um estado de caos político na China, durante o qual a China experimentou a queima de Yuanmingyuan (火烧圆明园), o Massacre de Lushun (旅顺大屠杀), a Batalha das Oito Potências Aliadas (八国联军侵华), o Massacre de Nanjing (南京大屠杀), etc. A vitória na década de 1940 na guerra da resistência e a fundação da República Popular da China é considerada como o fim do Século de Humilhação Nacional. (Zhou, 2021)

A segunda guerra entre Japão e China será o tema principal abordado na segunda parte do livro, no entanto, ainda na primeira parte, será comentado através da escrita fantástica a razão desse antagonismo entre as duas nações. O Japão será representado pela Federação de Mugen, país vizinho a Nikan, anteriormente “irmão” tributário dele. Mas por que o país viraria a adaga para seu vizinho, após anos de uma relação relativamente pacífica?

Mugen sempre quis mais, mesmo quando era um país vassalo. A Federação é uma nação ambiciosa que cresce rápido, com uma população protuberante numa ilha minúscula. Imagine um país altamente militarizado com mais gente do que a própria terra consegue sustentar, sem ter para onde se expandir. Imagine que seus líderes militares propagaram uma ideologia de que são deuses e possuem o direito divino de estender o império pelo hemisfério oriental. De repente, o amplo território do outro lado do mar Nariin parece um excelente alvo, não? (Kuang, 2022, p. 52-53)

A Federação de Mugen seria para Nikan o que o Japão é para a China. O país se organizou tendo como base a religião xintoísta, que enfatizava o mito da descendência divina imperial dos Yamato da deusa solar Amaterasu, e essa ideologia era “[...] conjugada com uma missão divina de expansão japonesa para ilhas e regiões vizinhas na Ásia.” (Macedo, 2017, p. 81). No livro, a guerra entre Nikan e Mugen é finalizada com o genocídio de Speer, ilha pertencente a Nikan que teve seus moradores massacrados pela Federação, o que levou a intromissão de Hesperia, a favor de Nikan.

Fizemos um trabalho tão ruim de defender nosso país que foi necessário um genocídio para Hesperia intervir. Enquanto as forças nikaras estavam presas na frente setentrional, uma frota de navios da Federação exterminou a Ilha Morta da noite para o dia. Todos os homens, mulheres e crianças de Speer foram assassinados, e seus corpos, queimados. Uma raça inteira, extinta num único dia. (Kuang, 2022, p. 54)

Os speerlieses, termo utilizado para se referir aos cidadãos de Speer, teriam poderes que utilizavam na batalha quando lutavam por Nikan. Esses poderes seriam canalizados através da deusa Fênix, que eles cultuavam. Antigamente, a China continha um panteão com várias divindades que representavam a natureza, onde regiões variavam entre politeístas e monoteístas, enquanto que nos dias atuais, de acordo com o Consulado da China, a China seria um país multirreligioso (Couto, 2008). Além do uso de seres mitológicos e lendas como representação de divindades, Kuang utiliza a história da Igreja Católica ao criar uma religião fictícia que se assemelha aos métodos utilizados pelo catolicismo ao longo dos séculos

Os hesperianos tinham apenas uma igreja. Acreditavam em uma única divindade: um Santo Criador, separado e acima de tudo que era mortal, feito à imagem dos homens. Rin argumentou que aquele deus, aquele Criador, era uma das maneiras com que o governo de Hesperia mantinha a ordem. Os padres da Ordem do Santo Criador não tinham cargos políticos; no entanto, exerciam mais controle cultural do que o governo central hesperiano. Como Hesperia era um país enorme sem líderes regionais com poder absoluto sobre seus estados, a lei precisava ser aplicada com a propagação do mito e de seus códigos morais. (Kuang, 2022, p. 165)

Desde o início é possível perceber o ceticismo de Rin diante da existência dos deuses, chegando a dizer que boa parte dos nikaras se importavam com a religião de acordo com seus interesses. Essa concepção irá ser abalada após conhecer Jiang, e ele lhe apresentar o conceito de xamanismo.

— Quem são os deuses? Onde vivem? Por que fazem o que fazem? Essas são as perguntas fundamentais de Folclore. Posso ensiná-la mais do que a manipulação do ki. Posso ensiná-la o caminho até os deuses. Posso transformá-la numa xamã.
Deuses e xamãs? Era difícil saber quando Jiang estava brincando, mas ele parecia genuinamente convencido de que podia conversar com os poderes celestiais.
(Kuang, 2022, p. 119)

A importância de falar sobre xamanismo neste tópico reside na forma que Kuang usa o realismo fantástico para explicar o curso da Terceira Guerra da Papoula, que é abordada nas outras partes do livro. Xamã é aquele que comunga com os deuses, e ao estudar com Jiang, Rin irá trilhar seu caminho em direção a essa comunhão. Uma forma de chegar ao panteão seria pelo uso de drogas psicodélicas e, diante disso, o ópio teria grande peso na vida do xamã para que ele tenha acesso aos poderes dos deuses, mas, ao mesmo tempo, não perdendo a mente e o corpo para eles.

Ruin irá, então, alcançar o panteão dos deuses e comungar com a Fênix, deusa dos speerlieses. Paralelamente ao seu objetivo, a relação entre Nikan e Mugen torna-se cada vez mais tensa, com a ameaça de que uma nova guerra possa eclodir. Após a morte do Imperador de Mugen instaura-se uma crise entre os países. Seu sucessor, príncipe Ryohai, era agressivamente nacionalista e por anos pediu por uma invasão terrestre a Nikan. Diante disso, a primeira parte do livro se encerra, e a segunda inicia com a introdução do Cike e da Imperatriz, e a invasão da Federação de Mugen à Nikan.

3.2 PARTE II: A TERCEIRA GUERRA DA PAPOULA E A SEGUNDA GUERRA SINO-JAPONESA (1937-1945)

Antes de falar, propriamente, sobre a Terceira Guerra da Papoula, faz-se necessário comentar sobre o papel do Cike e da Imperatriz na trilogia. O Cike é uma divisão do exército de Nikara conhecido por sua excentricidade e, posteriormente, é esclarecido que eles são xamãs. Quem o compõe é treinado para fazer parte do esquadrão de assassinos da Imperatriz, encarregados de matar seus inimigos. Rin os descreve, inicialmente, como “uma força de guerreiros tão vil, tão nefasta, que o Exército preferia fingir que ela não existia” (Kuang, 2022, p. 228). A Imperatriz foi uma parte crucial da vitória da Segunda Guerra da Papoula, pois chegou ao poder ainda durante a guerra com a Trindade. A Trindade era formada por três soldados heroicos — a Víbora, o Imperador Dragão e o Guardião — que lutaram contra a

Federação. Eram difundidas pelo país histórias sobre como a Trindade possuía poderes sobrenaturais e conseguiam derrotar, sozinhos, batalhões inteiros, mas eram tratados apenas como histórias infantis, sem confirmação.

A Terceira Guerra da Papoula se inicia no sétimo dia do sétimo mês, após o general nikara não permitir a entrada da Federação em suas terras para procurar um soldado deles que tinha desaparecido. Com a negativa, Ryohai declara guerra a Nikan.

No sétimo dia, a Federação de Mugen declarou guerra a Nikan. Por toda a ilha em formato de arco, mulheres choraram de alegria e compraram retratos do Imperador Ryohai para pendurar em suas casas, homens se alistaram para servir nas forças de reserva e crianças correram pelas ruas gritando com a celebração da sede de sangue de uma nação em guerra. (Kuang, 2022, p. 199)

Assim como a Terceira Guerra da Papoula, a Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945) iniciou-se em 7 de julho, com o Incidente da Ponte de Marco Polo, ou Incidente de Lugouqiao, no norte da China, ainda que, na época, nenhuma das nações envolvidas soubesse disso. Ao contrário da Federação, o Japão não tinha uma imagem, como a do Imperador Ryohai, para delegar esse desejo por guerra. O país estava em uma situação em que a maioria de seus políticos, militares e do seu povo estava “infectado” por uma “febre de guerra” (Mitter, 2013, p. 94).

The local Japanese commander declared that one of his men had gone missing, and demanded entry to Wanping to search for him. The accusation was clear: the Chinese must have kidnapped or killed him. Over the past few years, the Japanese had become used to making demands of Chinese troops, and their orders were generally obeyed. But this time Song's troops refused, and lowlevel skirmishes broke out. It seemed likely that they would die down again; many such clashes had dissipated before, usually after the Chinese had made some concession. However, in distant central China, Chiang Kai-shek decided that it was time for a different sort of response. (Mitter, 2013, p. 90)

Após a Terceira Guerra da Papoula eclodir, a capital do Império é transferida para Golyn Niis, devido à proximidade de Sinergard do confronto no norte. A partir da iminência do confronto, Runin e Kitay, seu amigo, questionam a existência da humanidade dos soldados da Federação

— Você não quer ver o rosto do inimigo? — perguntou Kitay. — Não, não quero — respondeu ela. — Porque assim posso acabar pensando que são humanos. E não são. Estamos falando de pessoas que deram ópio para bebês durante a última invasão. De pessoas que massacraram Speer.

— Talvez sejam mais humanos do que pensamos. Alguém já parou para perguntar o que a Federação quer? Por que lutam conosco?

— Porque aquela ilhota está entupida de gente e eles pensam que Nikan deveria ser deles. Porque lutaram conosco antes e quase ganharam — respondeu Rin. — Mas isso não interessa. Eles estão vindo e vamos ficar aqui; no final, quem sobreviver vai ser o vencedor. A guerra não determina quem tem razão. Ela determina quem sobrevive. (Kuang, 2022, p. 203)

Esse pensamento vai de encontro com a visão da teoria realista explicada por Morgenthau ao apontar que, apesar do poder ser uma categoria universal para os Estados, a moral não é (Williams, 2004). A moral é algo particular do ser humano, em que cada um tem sua noção do que é certo ou errado. Como o Estado, no Realismo tradicional, é representado de acordo com a natureza humana, ele também detém de sua moral particular. Para a Federação de Mugen é seu direito divino proclamar o território de Nikan como seu, portanto, invadir o país não é algo errado. Do mesmo modo que, na realidade, o Japão subjugar a China era só mais um passo no seu propósito expansionista (Pomar, 2017, p. 47).

Essa dualidade da guerra vai se expressar ao longo do livro em diversas partes, principalmente no que diz respeito ao nacionalismo de ambos os exércitos combatentes. Na sua primeira batalha, Rin usará do poder da deusa Fênix pela primeira vez, ao matar um general da Federação. Ela vai enxergar o xamanismo como forma de defesa contra Mugen, “um poder maravilhoso e tentador, forte o suficiente para proteger a cidade e o país” (Kuang, 2022, p. 206). Por usar do poder da deusa do povo *speerlies*, Rin será identificada como um deles, uma das últimas da raça, junto com Altan Tregsan, comandante do Cike, divisão que Rin será designada após descobrirem que ela é uma xamã. Ela será realocada para Khurdalain, cidade portuária de Nikan, para defendê-la das ofensivas do exército mugenês.

Nessa equação, Khurdalain seria o equivalente a Xangai, em outubro de 1937, quando o presidente Chiang Kai-shek, após abandonar as esperanças que o conflito no norte da China poderia ser contido, escolheu a grande cidade portuária para lutar contra o Japão, pois esta era central para sua estratégia de guerra (Mitter, 2013, p. 106). Chiang tinha noção de que a guerra não seria rápida e, diante disso, o princípio estratégico que ele adotou foi lutar uma guerra de resistência (Peattie; Drea; Van de Ven, 2010)

However, bringing the war to Shanghai was important both for domestic and international political reasons. Despite the appalling performance of its bomber pilots, the Central Army had thrown itself fully into the defense of Shanghai. The era of avoiding military confrontation and political concessions was over. The decision to attack the Japanese in Shanghai also drove home that this was now a national war. [...] Now Chiang made it clear that an attack on north China would mean retaliation in the south, and that the country was engaged in one ‘war of resistance to the end’ (*Kangzhan daodi*), a phrase that quickly came to define the conflict, and remains in use even today. By bringing the war to Shanghai, Chiang forced the world to take notice. (Mitter, 2013, p. 111)

Comparativamente, o livro apresenta como um dos problemas principais a organização de uma frente militar forte contra a Federação. Isso reside na ineficácia em unir os líderes das províncias nikaras, por estarem sempre desconfiados, querendo um mais poder do que o outro. Segundo Gordon (2006), para o Japão, a ascensão do “*warlordism*” — *warlord* seria

como um líder militar das províncias chinesas — após 1916, demonstrava a desunião que a China enfrentava, e complementa que, até 1945, ano do fim da guerra, os japoneses continuavam a acreditar que a China era um país desunido, como uma coleção de províncias que podiam ser manipuladas umas contra as outras até que fossem, finalmente, conquistadas. Isso é expressado no livro com a fala de um dos generais do exército da Federação, ao declarar que Nikan estaria melhor sob o jugo do Imperador Ryohai:

Infelizmente, o Imperador Ryohai não tem intenção alguma de abandonar seus planos referentes ao continente nikara. A expansão é um direito divino da gloriosa Federação de Mugen. O governo provinciano de Nikan é fraco e frágil. Sua tecnologia está séculos atrasada em comparação à do oeste. O isolamento os deixou para trás enquanto o restante do mundo se desenvolveu. Seu fim é apenas uma questão de tempo. Esta terra pertence a um país que pode impulsioná-la para o próximo século. (Kuang, 2022, p. 284)

Em novembro de 1937, a China já não consegue mais segurar o avanço das tropas japonesas em Xangai, perdendo o controle da cidade para o Japão. O exército chinês recebe ordens para recuar, já ciente de que como não conseguiram proteger Xangai, também não iriam conseguir defender Nanquim (Mitter, 2013, p. 115). No livro, essa movimentação será expressada através da visão de Chaghan, outro integrante do Cike, de que a Federação está indo para Golyn Niis, e o que eles encontram ao chegar na cidade é a representação de um massacre que causa repercussões até hoje.

3.3 PARTE III: O FIM DA TERCEIRA GUERRA DA PAPOULA E O MASSACRE DE NANQUIM

Antes mesmo de chegar a Golyn Niis, o Cike se vê navegando em um rio de sangue. Boiavam corpos ao longo do trajeto, dando indícios do que iriam encontrar ao chegar na cidade

O barco empacou de vez. Estavam cercados por gente morta. Soldados. Civis. Homens. Mulheres. Crianças. Todos inchados e sem cor. Alguns rostos estavam desfigurados, retalhados. Outros tinham uma expressão resignada, flutuando na água vermelha, como se aquelas pessoas nunca tivessem vivido. (Kuang, 2022, p. 353)

Ao abrir os portões da cidade são confrontados pela realidade de Golyn Niis: pirâmides de corpos empilhados, o cheiro esmagador de putrefação e poucos sobreviventes. Com a descrição detalhada do massacre na cidade, é previsível que se instaure uma das características principais do realismo fantástico: a incredulidade do espectador diante do que está sendo narrado. Tanto Rin quanto o leitor se vêem hesitante diante da possibilidade de

tamanha crueldade direcionada a outras pessoas, especialmente civis, principais reféns de uma guerra entre dois Estados

Rin não conseguia entender como a Federação encontraria tantas maneiras diferentes de causar sofrimento, mas cada esquina revelava outro exemplo naquela cadeia de horrores, uma selvageria tão bárbara quanto criativa [...]. Sem o Exército, não havia nada entre os soldados e o povo. A Federação se divertiu. Transformaram o massacre em esporte. Jogavam bebês para o alto e viam se conseguiam cortá-los ao meio antes de atingirem o chão. Competiam para ver quem conseguia prender e decapitar mais civis em uma hora. Corriam para ver quem conseguia empilhar corpos mais rápido. (Kuang, 2022)

O estado de calamidade encontrado em Golyn Niis é a forma que Kuang traz à tona a realidade vista em Nanquim. O Massacre de Nanquim é a mais notória expressão de crueldade exercida pelo Japão durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa (Gordon, 2006). Antes mesmo de designar tropas para a cidade, o presidente Chiang Kai-shek já sabia que defender Nanquim seria quase impossível, mas conclui que, de todo modo, deviam fazê-lo. Em 13 de dezembro de 1937, o Japão tomou Nanquim e iniciou o massacre (Peattie; Drea; Van de Ven, 2010).

In Nanking, China, in December 1937, an event transpired that, sixty years later, a young Chinese American author would characterize as “the forgotten Holocaust” (Chang 1997). After a six month struggle against Chiang Kai-shek’s armies in the Yangtze Valley, Japanese military forces invaded the bustling coastal city of Nanking and engaged in a premeditated, systematic campaign of mass murder. Using such primitive techniques as cannons, pistols, fire, and swords, the soldiers created a horrendous massacre in which blood literally flowed through the streets. Seven weeks later, more than one-quarter million Chinese lay dead. (Gao e Alexander, 2012)

Entre dezembro de 1937 até janeiro de 1938 o exército japonês assassinou, estuprou e torturou milhares de homens, mulheres e crianças. Até hoje é impossível ter um número exato de vítimas do massacre. O período ficou marcado pelos métodos cruéis utilizados pelos soldados japoneses contra a população de Nanquim, além de não distinguir civis de soldados, continuando a execução dos seus atos impiedosos mesmo após a rendição do exército chinês

Chinese soldiers, including those wounded, surrendered, and taken prisoner, as well as stragglers, were murdered either as a group or individually, in violation of international law. Residents who became victims of the encirclement of Japanese troops were murdered. Many adult men were murdered in groups or individually in the so-called mopping-up operations simply because they were thought to be former soldiers. Japanese soldiers also killed many residents and peasants at random. (Tokushi, 2015, p. 76)

No livro, a continuação da descrição do genocídio de Golyn Niis se torna, de algum modo, mais bárbaro: a existência de “casas de relaxamento” utilizados pelos soldados da Federação. Encontram Venka, uma ex aluna de Sineward, em uma delas, e ela conta que as mulheres estupradas era chamadas de banheiro público pelo exército mugenês

— Sabe como doía? Eles estavam dentro de mim, ficaram dentro de mim por horas e não paravam. Eu desmaiava sem parar, mas sempre que recuperava a consciência, ainda estavam lá, um homem diferente em cima de mim, ou talvez o mesmo homem... Ficaram todos iguais depois de um tempo. Foi um pesadelo, e eu não conseguia acordar. [...] Vi mulheres sendo estripadas. Vi soldados cortarem os peitos delas fora. Vi mulheres vivas sendo pregadas nas paredes. Vi garotinhas sendo mutiladas, quando se cansavam das mães. Se as vaginas delas fossem muito pequenas, os soldados as abriam com adagas para facilitar o estupro. (Kuang, 2022, p. 364)

Não é incomum o estupro ser utilizado como arma de guerra em conflitos. Durante o ataque a Nanquim, estima-se que milhares de mulheres foram estupradas pelas tropas japonesas, de forma individual ou coletiva. De acordo com Silva (2011, p. 116), resistir era fatal, pois caso alguma mulher demonstrasse resistência aos soldados, eram alvejadas com tiros ou golpeadas com a baioneta. De certa forma, não resistir também pode ser considerado fatal, levando em conta que o estupro não causa apenas danos físicos. Segundo Tokushi (2015, p. 76), muitas mulheres se suicidaram, outras foram acometidas com doenças psicológicas e sexualmente transmissíveis. É um tipo de tragédia que traz destruição mesmo após seu fim.

A existência de humanidade nos soldados da Federação entra em questão mais uma vez após Rin enfrentar a realidade do que aconteceu em Golyn Niis. Como acreditar que alguém é seu igual, quando este mata e estupra milhares de pessoas sem ter misericórdia do seu oponente?

Os soldados da Federação não têm sentimentos — concordou Kitay. — Não veem a si mesmos como pessoas. São partes de uma máquina. Obedecem às ordens de seus comandantes e só sentem felicidade quando estão se deleitando com o sofrimento de outra pessoa. Não há como argumentar com eles. Não há como compreendê-los. Estão tão acostumados a propagar essa maldade grotesca que não podem ser chamados de humanos. (Kuang, 2022, p. 362)

Tokushi (2015) vai argumentar em seu texto o porquê dos soldados japoneses, quando em Nanquim, cometeram essa série de atrocidades. Durante o massacre, os japoneses sentiam pouco ou nenhum sentimento de culpa. Isso traz à tona o contexto histórico e cultural que o Japão estava inserido. Ele completa dizendo que, na época da guerra, como faltava para os soldados japoneses o conceito de direitos humanos em seu país, estes acreditavam serem capazes de fazer o que quisessem contra outras pessoas asiáticas, como fizeram com os chineses, que eles consideravam seus inferiores

They even committed atrocities with a certain kind of pleasant sensation. The background of this is the discrimination and prejudice that had taken root among the Japanese troops and Japanese people since the Meiji period. This is a consciousness that took its roots historically among the Japanese through school education, social learning, and mass media in modern Japan. [...] The first factor was the Japanese contempt for Asians and the Chinese people. After Japan gained victory in the First

Sino-Japanese War (1894-95), the Russo-Japanese War, and World War I, and joined the ranks of world powers, the discriminatory consciousness permeated the Japanese public: Only the Japanese Empire with the emperor and the Japanese people were superior, and nearby Koreans, Chinese, and Mongols were inferior peoples. Japan should "part from Asia and join Europe. (Tokushi, 2015, p. 77)

A violência de gênero causada no Estupro de Nanquim também remete, em certos aspectos, a construção do papel da mulher na sociedade japonesa. Conforme Silva (2011), as relações de poder desiguais entre os gêneros são evocadas pela ideologia patriarcal. Antes, no Japão, os direitos das mulheres eram suprimidos em prol do sistema familiar patriarcal e da prostituição, legalizada pelo Estado (Tokushi, 2015, p. 78). A manutenção de uma organização que permitia homens casados terem acesso a atividades sexuais extraconjugais contribuiu para a desumanização da mulher aos olhos do homem japonês

Almost all Japanese soldiers were influenced by this sexual consciousness that did not recognize women's human rights and instead treated them only as tools for men's libido. Because of this, in addition to the racist consciousness, Japanese soldiers felt no guilt or remorse at all even if they raped and violated Chinese women. (Tokushi, 2015, p. 78)

Para completar, no livro, quando Rin e Altan se vislumbram diante de um general da Federação, este faz uma prece para seu Imperador antes de se suicidar “Não sou nada diante da glória do Imperador. Por sua dádiva, sou feito puro. Por sua graça, tenho propósito. É uma honra servir. É uma honra viver. É uma honra morrer. Por Ryohai. Por Ryohai.” (Kuang, 2022, p. 271). Para Tokushi (2015), o exército japonês tinha uma natureza inumana, era o Exército do Imperador, aquele que resguarda seus interesses e mantém sua reputação imbatível

It was an army to protect the "national policy." namely, the emperor system. It was not an army for the protection of the people. [...] Japanese soldiers were forbidden to surrender and were compelled to commit suicide so as not to damage the army's reputation. As a result, the Japanese Army, which forbade its own soldiers to become POWs, lacked a consciousness of fair treatment for captured enemy soldiers and often killed those they should have taken as POWs. (Tokushi, 2015, p. 78-79)

Assim como o que aconteceu em Nanquim transformou a vida dos chineses, no livro, o massacre de Golyn Niis altera a percepção da guerra para o Runin. Já encaminhando para o final, Altan e Rin são traídos pela Imperatriz ao entregá-los, os últimos speerlieses, para a Federação de Mugen. A morte de Altan, um sacrifício para que Rin consiga chegar à ilha de Speer e se comunicar com a deusa Fênix, acontece de forma paralela à última tentativa do Cike de atrapalhar o avanço da Federação em Nikan: a destruição da Represa das Quatro Bocas.

Eles haviam transbordado o rio Murui. O delta do rio que Rin vira do mundo espiritual era a Represa das Quatro Bocas, o maior conjunto de barragens que

impedia o Murui de inundar as quatro províncias ao redor. Altan ordenara a destruição da represa visando desviar o rio para o sul, para um antigo canal, o que acabaria com a rota de suprimentos da Federação na região. (Kuang, 2022, p. 442)

Na China, em junho de 1938, o presidente Chiang Kai-shek ordenou a inundação do Rio Amarelo para conter o avanço das tropas japonesas até Wuhan. Chiang Kai-shek sabia que, caso não o fizesse, o Japão teria controle de grande parte do país. O preço, no entanto, era muito alto. Uma inundação causaria grandes problemas para a população local, além da possibilidade de causar a morte de milhares de civis, trazendo sofrimento para suas vidas já tão abaladas com a guerra, havia o risco de contaminar a vegetação e a água, mudando o ecossistema da região. Porém, segundo Mitter (2013), Chiang Kai-shek acreditava que sua única esperança era negar ao Japão o máximo de acesso possível da China, ainda na sua estratégia de tentar mostrar ao mundo as atrocidades que o Japão estava cometendo no país. Por isso, concluiu que a melhor opção de retardar o avanço do Japão era destruir os diques do Rio Amarelo, e assim o fez. Até hoje não há um consenso sobre a inundação pois, no fim, ela só atrasou o inevitável.

Chiang made his decision. He gave orders to General Wei Rulin to blow up the dyke that held the Yellow River in place in central Henan. There was no doubt about what this meant. Floods would inundate much of central China, turning it into a vast expanse of water and mud, and the Japanese advance would be forcibly stopped. However, to make this strategy work, it had to be done fast. Nor could the government give any public warning, in case the Japanese found out and accelerated their advance. (Mitter, 2013, p. 174)

Apesar da Segunda Guerra Sino-Japonesa ter durado oito anos, no livro, o massacre de Golyn Niis é o gatilho que Kuang utiliza para finalizar a Terceira Guerra da Papoula. Rin chega a Speer, após perder Altan, com uma única certeza: vingança. Ao encontrar a Fênix, fala o que quer da deusa, destruir a Federação, acabar com a guerra. “Pela vingança, valia a pena. Era a retribuição divina pelo que a Federação havia feito com o seu povo. Era a sua justiça. “Eles não são humanos — sussurrou ela. — São animais. Quero que queimem. Cada um deles” (Kuang, 2022, p. 427). Runin acaba com a Terceira Guerra da Papoula assim como a Segunda terminou: com o genocídio de um povo. Através do poder da Fênix, comungando com a deusa, Runin queima a Federação de Mugen.

Antes, o tecido continha as histórias de milhões de vidas — de homens, mulheres e crianças da ilha do arco —, os civis que foram dormir cedo, sabendo que o que os soldados faziam do outro lado do mar estreito era um sonho distante, cumprindo a promessa de seu Imperador sobre um grande destino no qual foram condicionados a acreditar desde o berço. Num instante, a escritura fora modificada para que suas vidas acabassem. Em um momento, aquelas pessoas existiam. No seguinte, não mais. Porque nada estava escrito. A Fênix dissera isso, a Fênix mostrara isso. E agora o futuro irrealizado de milhões era queimado da existência, como um céu estrelado que de repente fica escuro. (Kuang, 2022, p. 428-429)

A Segunda Guerra-Sino Japonesa foi encerrada por terceiros, de forma inesperada. Entre 6 e 9 de agosto de 1945, Hiroshima e Nagasaki, cidades japonesas, foram bombardeados com duas bombas atômicas, pelos Estados Unidos da América. Em 15 de agosto, o Japão anunciou sua rendição aos Aliados da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A China não venceu em combate o Japão. Assim como a Terceira Guerra da Papoula, a guerra entre China e Japão foi finalizada com um genocídio. Mais de 150 mil pessoas morreram decorrentes das duas explosões, sem contar as que, posteriormente, viriam a sucumbir aos efeitos causados pelas bombas.

On 14 August, at 10.50 a.m., the emperor declared, in a pre-recorded statement, that it was time to 'endure the unendurable and suffer the insufferable'. Few Japanese understood the full import of the broadcast at the time: the emperor spoke in a form of courtly classical Japanese, and the sound quality of the recording was poor. But the meaning was unequivocal. Japan would accept the terms of the Potsdam Declaration and surrender without conditions. (Mitter, 2013, p. 381)

Mesmo saindo vencedora da Guerra, a China pagou um preço terrível devido aos oito anos de guerra. Mitter (2013) aponta que a guerra esvaziou o país, e que desde a Guerra de Taiping, em 1860, a China nunca tinha chegado tão perto de se desintegrar, tão perto do mesmo abismo que ela passou durante a dinastia Qing. A conclusão da guerra fictícia e da real, no fim, foram finalizadas por fatores externos. Runnin causou a vitória de Nikan ao ser portal do poder da deusa para queimar a Federação e seus civis, assim como os EUA forçaram o Japão a se render após destruir em massa duas de suas cidades.

Rin se vê, então, em um espiral de culpa sobre o peso de ter varrido do mapa centenas de milhares de vidas. Há a dualidade de ser causadora de um genocídio, do mesmo modo que seu próprio povo foi assassinado, em prol da vitória do seu país e o impedimento de mais mortes causadas pela Federação, e tenta se convencer de que “Não eram vidas. Eram números. Eram uma subtração necessária.” (Kuang, 2022, p. 429) E que no fim, a guerra, realmente, não determina quem tem razão, mas sim quem sobrevive.

A Guerra da Papoula finaliza com uma noção do que acontecerá no segundo livro da trilogia. Rin introduz o tema principal dele ao dizer que a Federação não era seu inimigo final, mas sim a Imperatriz: “Nosso planeta foi despedaçado, e você ainda quer mais guerras? — A guerra já está aqui. Há uma traidora ocupando o trono do Império — disse Rin, teimosa. — Quero vê-la queimar.” (Kuang, 2022, p. 439). O próximo livro, *A República do Dragão*, narra sobre os conflitos entre províncias de Nikan e a tensão entre a Imperatriz e o líder da província do Dragão, que deseja tirá-la do poder, assim como Rin, fazendo paralelo com a Guerra Civil da China e a história militar chinesa.

4 LIVRO 2: A REPÚBLICA DO DRAGÃO E A INTRODUÇÃO À GUERRA CIVIL CHINESA

É possível visualizar esse livro como um contexto para introduzir o desenrolar da Guerra Civil na China após a finalização da 2ª Guerra Sino-Japonesa (GSJ). Comparado com *A Guerra da Papoula*, primeiro livro da trilogia analisado, *A República do Dragão* não faz tantos paralelos com a realidade, sendo mais ligado a parte fantástica.

O segundo livro da trilogia tem como foco a vingança de Rin contra a Imperatriz Su Daji. Antes de se envolver definitivamente na Guerra Civil que está prestes a eclodir no país, Runin irá trabalhar para a Rainha Pirata Moag, na cidade portuária de Ankhiluum. Assim como no primeiro livro, Kuang implementa em certos detalhes características da história da China que podem passar despercebidas. A Rainha Pirata, dependendo da noção do espectador sobre o realismo fantástico, pode ser percebida apenas como um personagem fictício. A descrição sobre ela é curta; “Era uma consorte que se transformara em pirata, passando de Dama a Rainha ao assassinar o marido, e vinha comandando o local como território ilegal de comércio estrangeiro há anos.” (Kuang, 2023b, p. 26). Porém, a autora usou como referência para a criação de Moag a história da pirata Zheng Yi Sao.

De acordo com Kraska (2011), Zheng Yi Sao se tornou uma das mulheres piratas mais famosas e poderosas do mundo ao tomar controle da operação de mais de 1500 navios e dominar o mar da China após a morte do seu marido, Zheng Yi, em 1807. Quando casados, o casal coordenou ataques bem sucedidos indo do Cantão à Macau sob a bandeira da “Frota da Bandeira Vermelha”.

[...] piracy, especially in the South China Sea, was dominated by a single intriguing but also elusive figure: Zheng Yi Sao a name that can be translated simply as Wife of Zheng Yi. Her rise from being sold as a sex worker in Canton to pirate queen of a fleet numbering 70,000 pirates makes her arguably the most successful pirate in history. (Parr, 2022)

Logo nos primeiros capítulos do livro, o Cike é entregue por Moag ao líder da Província do Dragão, Yin Vaisra, principal figura da revolta contra a Imperatriz. Yin Nezha, citado brevemente do subtópico 3.1, é um dos filhos de Vaisra e é quem fará essa ponte entre o Cike e o líder da província. Rin vai enxergar em Vaisra a oportunidade que faltava para aplicar sua vingança contra Su Daji. Vaisra, no entanto, vê em Rin a possibilidade de derrubar o sistema e implementar uma democracia em Nikan.

— A divisão em doze províncias é um sistema de opressão antiquado e ineficiente que está atrasando os nikaras. Pense em como seria um país verdadeiramente unido, um exército cujas facções não estivessem constantemente em guerra umas com as outras [...] Vou transformar o Império em uma república. Uma grande república fundada com base na liberdade individual dos homens. Em vez de líderes regionais,

oficiais eleitos. Em vez de uma Imperatriz, teríamos um parlamento, supervisionado por um presidente eleito. Eu farei com que seja impossível para uma única pessoa como Su Daji arruinar este reino. (Kuang, 2022, p. 96)

4.1 PARTE I E II: A DEMOCRACIA DE YIN VAISRA E OS LÍDERES DA CHINA

A personificação de Vaisra vai ao encontro com os ideais propagados por Sun Yat-sen, principal figura da queda da Dinastia Qing e, por consequência, do sistema de governo imperial chinês. Sun Yat-sen estudou no Haváí e foi no país que teve interesse pelo cristianismo e pela forma de governo do Ocidente. Quando voltou para China, em 1884, Sun percebeu que o sistema imperial, em vigor através da dinastia Qing, não era mais o que o país precisava (Cucchisi, 2002).

Chinese Imperialism crumbled in 1912 due mainly to the Chinese revolutionary Dr. Sun Yat-sen. Sun had visited the West as a young boy and realized that the democratic system would be a more appropriate system of government for China than the imperial system. He strove to crush the imperial system and to build a new democratic government and by 1911, his dream partially came true. The imperial system soon collapsed. (Cucchisi, 2002, p. 26)

Posteriormente, Sun Yat-sen se tornou o primeiro presidente da república na China após a queda da dinastia Qing e do sistema imperial, em 1911. No livro, apesar de Vaisra tentar convencer Rin dos benefícios que uma democracia traria para Nikan, ela não acredita plenamente na implementação de um sistema de governo que funciona através das decisões do povo. Esse é um tópico que surgirá algumas vezes no livro: a capacidade dos nikaras de decidirem quem melhor governaria o país. Ao enfrentar a Imperatriz pela primeira vez, ela externa esse pensamento

— Com o que me substituiria? O povo nikara não está pronto para uma democracia. Eles são ovelhas. São tolos, grosseiros e sem educação. Eles precisam que alguém lhes diga o que fazer, mesmo que isso signifique tirania. Se Vaisra assumir o controle desta nação, acabará com ela. As pessoas não sabem no que votar. Nem sequer entendem o que significa votar. E certamente não sabem o que é bom para eles. (Kuang, 2023, p. 160)

Essa ideologia abordada pela Imperatriz entra em consonância com a Teoria das Elites, difundida entre o final do século XIX e início do século XX em meio a um contexto histórico de ascensão política das massas, por teóricos como Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto (Grynszpan, 1996). A Teoria das Elites defende a concentração do poder nas mãos de uma minoria, a Elite, em que apenas ela é politicamente capaz de gerir uma sociedade.

Essa teoria tem uma avaliação negativa da democracia, uma vez que a Elite é a única que detém a sabedoria necessária para governar. Nela estão os melhores intelectuais de sua área, eles são superiores e, por isso, são aptos para estar no poder. Mosca, por exemplo, fala que a organização só é possível em uma minoria, pois a maioria é incapaz de se organizar

politicamente (Mosca, s/d apud Grynszpan, 1996). Para os partidos que querem manter-se no poder por tempo indefinido, encontram na Teoria das Elites e, especialmente, em Mosca, justificativas para suas ações. A Imperatriz Su Daji no livro, de modo indireto, utiliza esse argumento da Teoria das Elites para justificar suas ações sobre o povo de Nikan.

De certa forma, esse pensamento da Imperatriz também pode ser visualizado como um paralelo com o poder político atual da China, governada por Xi Jinping desde 2013. Segundo Stedile (2023), Xi Jinping vê o povo como origem e destino das ações do PCC, mas é o PCC quem deve conduzir e estar à frente da revolução, ou seja, em posições de poder como tomadores de decisões. Além de presidente, Xi Jinping ocupa os cargos de secretário geral do partido, presidente da Comissão Militar Central (CMC), comandante do Exército da RPC e da Comissão Central de Segurança Nacional (Silva, 2018).

[...] Xi enfatiza constantemente a importância da educação ideológica e política, o papel do estudo e da pesquisa e a importância de se conhecer a realidade, muitas vezes referindo-se a sua própria experiência nas províncias do interior do país. Exigindo dos quadros e militantes do Partido a autocrítica, a disciplina, o rigor político e científico e o combate ao burocratismo, o estilo clichê e o formalismo. (Stedile, 2023, p. 6)

Para ter sucesso na sua tentativa de derrubar o sistema imperial abordado no livro, Vaisra faz do xamanismo de Rin um instrumento para vencer a guerra contra a Imperatriz. Durante os primeiros capítulos, Rin lutará contra o vício em ópio e a culpa sobre a morte de Altan e o genocídio causado por ela aos cidadãos da Federação de Mugen. Em paralelo a isso, no início da campanha de Vaisra para tomar o país, Rin se vê diante da destruição causada pela Federação em Nikan.

A Terceira Guerra da Papoula destruiu quase todas as províncias. Soldados da Federação haviam destruído a maior parte da infraestrutura de cada grande cidade que ocuparam, ateadado fogo a grandes faixas de campos de grãos e devastado vilas inteiras. Movimentos de refugiados em massa haviam redefinido a densidade populacional do país. Era o tipo de desastre que exigiria o esforço milagroso de uma liderança central unificada para ser mitigado, e o conselho dos doze líderes era tudo, exceto isso. (Kuang, 2023b, p. 152)

Logo após a Segunda Guerra Sino-Japonesa, a população chinesa se encontrava em uma situação deplorável. Os efeitos da guerra tornaram a pobreza rural uma endemia na vida dos camponeses. Segundo Westad (2003), o resultado seria o aumento da insegurança alimentar, consequência do crescimento populacional e da tecnologia primitiva utilizada pelos camponeses, e a migração em massa dos chineses em busca de uma vida melhor. Assim como no livro, os senhores de terras e os *warlords* da China estavam mais preocupados na manutenção do seu poder sob seus territórios, do que no fornecimento de ajuda para seu povo.

In the areas hardest hit by successive wars, social exploitation intensified. In a political climate of chronic uncertainty—the army that commanded an area today

could be replaced by another army tomorrow, or next week, or next month—the landlords and rich farmers found it increasingly difficult to retain their status. With their own position in danger, the rural upper class was often unwilling to reduce rents and interest rates to help the peasants who depended on them. (Westad, 2003, p. 33)

É a partir dessa desunião e desumanização perante o sofrimento do seu povo que Vaisra irá formular a implementação da democracia no livro. Outro ponto da personalidade de Vaisra que faz paralelo com a realidade chinesa é a vontade dele de erradicar o conceito de líder de províncias. Cucchisi (2002) aponta que, em 1926, Chiang Kai-shek, presidente da China durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa, resolveu varrer do país os senhores de guerra. Em consonância com a ideia propagada pelos Três Princípios do Povo (nacionalismo, subsistência e democracia) de Sun Yat-sen, Chiang Kai-shek acreditava que o nacionalismo seria uma fonte de governo apropriada para a China. Como estratégia em sua erradicação dos senhores de guerra, ele começou o que ficou conhecido como a “Expedição do Norte” e, eventualmente, conquistou a maioria dos senhores de guerra do país. Assim como a estratégia de Chiang Kai-shek, no livro, a campanha de Vaisra é focada, inicialmente, em uma ofensiva contra a região Norte de Nikan, onde os líderes das províncias eram leais à Imperatriz, contrários à sua ideia de implantar uma república no país.

Para conseguir realizar seu objetivo, Vaisra tenta entrar em um acordo com Hesperia, com promessas de cooperação mútua entre os dois países caso Hesperia mandasse reforços militares para que ele conseguisse vencer a guerra. A representação de Hesperia no livro pode ser associada tanto à relação conturbada com a Inglaterra, quando ela invadiu a China durante as Guerras do Ópio, quanto aos EUA, ao apoiar os nacionalistas de Chiang Kai-shek durante a Guerra Civil chinesa. De forma geral, Hesperia pode ser classificada como a simbolização das potências imperialistas do Norte Global.

Como dito no subtópico 3.1, Hesperia pratica uma religião que se assemelha ao cristianismo, mais especificamente à Igreja Católica. Quando Rin entra em contato com hesperianos pela primeira vez, ela faz uma observação sobre como os missionários da religião tentaram inseri-la ao longo dos anos após as Guerras das Papoulas:

Depois que os mugeneses obliteraram qualquer noção de soberania nikara, os hesperianos povoaram as regiões costeiras com missionários e escolas religiosas, determinados a acabar com as religiões supersticiosas locais. Por um breve período, os missionários hesperianos até proibiram visitas aos templos. Se ainda existiam cultos xamânicos após a guerra do Imperador Vermelho contra a religião, os hesperianos fizeram com que ficassem ainda mais secretos. (Kuang, 2023, p. 225)

Campos Neto (2015) aborda como o início do século XX foi um momento de crise para os cristãos na China. Na época, houve uma disseminação de ressentimento no país contra

o Ocidente, devido às consequências das guerras que debilitaram a China. Mediante a essa conjuntura, o Cristianismo foi visto como uma ferramenta imperialista das potências ocidentais.

Na década de 20 do século passado, uma disseminação do pensamento anticristão atinge a Igreja cristã, oriunda no meio dos estudantes universitários, advindo o Movimento Nacionalista, cuja ascensão colocou, sob suspeita, o Cristianismo como Religião estrangeira durante a Guerra Civil de 1927, quando muitos missionários, a maioria oriunda de fora, preferiram abandonar a China. Alguns foram para as regiões costeiras, redundando em uma grande diminuição de seu contingente, após esse período. (Campos Neto, 2015)

No livro, Runin reclama sobre a chegada dos hesperianos. Como um país que poderia ter finalizado a Terceira Guerra da Papoula mais rápido, sem a necessidade de histórias como o Massacre de Golyn Niis existirem, só chega em Nikan após o fim da guerra?

— Eles podiam ter chegado um pouco antes — reclamou Rin.
 — Uma guerra devastou todo o continente ocidental ao longo das últimas duas décadas — contou Nezha. — Eles andaram um pouco distraídos.
 Aquilo era novidade para Rin. Até então, as notícias do continente ocidental haviam sido tão irrelevantes para ela que era como se o lugar não existisse. — Eles ganharam?
 — Pode-se dizer que sim. Milhões morreram. Outros milhões estão em casa ou país. Mas o Consórcio saiu poderoso, então eles consideram isso uma vitória. (Kuang, 2023b, p. 225)

Esse trecho do livro é uma breve referência à 2ª Guerra Mundial (1939-1945) que acontecia paralelamente à 2ª GSJ, iniciada quando a Alemanha, governada por Adolf Hitler, invadiu territórios com a justificativa de retomar o controle de regiões que anteriormente pertenciam ao país.

A Segunda Guerra Mundial conta-se entre os conflitos mais devastadores da história da humanidade: mais de quarenta e seis milhões de militares e civis pereceram, muitos deles em circunstâncias de uma crueldade prolongada e terrível. Nos 2174 dias de guerra, que decorreram entre o ataque da Alemanha à Polônia em Setembro de 1939 e a rendição do Japão em Agosto de 1945, a esmagadora maioria dos que morreram, quer na frente de batalha quer na retaguarda, tinham nomes e rostos obscuros, excepto para as poucas pessoas que os conheciam ou os amavam. (Gilbert, 2012)

A eclosão dessa guerra é, de certa forma, resultado do Tratado de Versalhes (1919), o tratado de paz imposto à Alemanha após ela perder a Primeira Guerra Mundial. As medidas aplicadas pelo tratado no país contribuíram para o aumento do nacionalismo, o que, posteriormente, levariam à chegada de Hitler ao poder. O fim da guerra trouxe a vitória para os Países Aliados (Inglaterra, França, EUA e URSS) contra os Países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Kuang cria a figura do Consórcio no livro em reflexo a dos Aliados na 2ª GM, quando saíram vitoriosos da guerra com a rendição do Japão em 1945, ato que também faria a China vencer a 2ª GSJ. Apesar da autora não se aprofundar sobre a 2ª GM, posteriormente é

utilizado no livro os interesses que os Aliados, principalmente os EUA, possuíam para a China no pós-guerra.

No livro, a relação de Rin com os hesperianos é conturbada. Em Nikan, assim como na China, os missionários ficavam restritos às regiões costeiras, por isso Rin nunca teve a oportunidade de ver um hesperiano. Sua primeira impressão sobre eles é marcada pelo choque e horror ao notar quão diferente eles são dos nikaras:

A pele deles era terrivelmente pálida, não o tom branco de porcelana impecável que os sinegardianos apreciavam. Era mais como o tom de um peixe recém-estripado. Seus cabelos tinham cores feias — tons berrantes de cobre, ouro e bronze, nada como o preto profundo do cabelo nikara. Tudo neles — sua coloração, suas feições, suas proporções — parecia errado. Eles não pareciam pessoas, pareciam coisas saídas de histórias de terror. Poderiam ter sido monstros possuídos por demônios conjurados para que os heróis do folclore nikara lutassem. E, embora Rin fosse velha demais para histórias folclóricas, tudo naquelas criaturas de olhos claros a fazia querer correr. (Kuang, 2023, p. 226)

A concepção de que eles seriam seres monstruosos combina com a opinião dos hesperianos sobre ela; para eles, Runin é uma selvagem consumida pelo Caos, que seria o oposto do Criador, o deus da religião deles. A construção dessa religião hesperiana é feita de forma perturbadora, não é incomum a perplexidade se instalar ao se deparar com as descrições feitas pelos hesperianos, característica do realismo fantástico. Quando Runin é forçada a ser analisada por Petra, uma missionária, em prol da cooperação entre os dois países, ela lhe diz que a dobra dos seus olhos significa caráter preguiçoso, e sua pele amarelada pode ser sinônimo de subnutrição: “Os nikaras ainda não evoluíram para alcançar nosso nível. Trata-se de ciência básica; a prova está em sua fisionomia” (Kuang, 2023b, p. 279). Os argumentos utilizados pelos missionários se assemelham ao conceito de eugenia difundida durante o século XX por países Europeus:

— Como seus olhos são menores, vocês enxergam uma área menor do que nós. — Petra apontava para os diagramas ao explicar. — Sua pele tem uma tonalidade amarelada que indica subnutrição ou uma dieta desequilibrada. Agora veja o formato de seus crânios. Seus cérebros, que sabemos ser um indicador de sua capacidade racional, são, por natureza, menores. Rin olhou para ela, incrédula. — Você acha que é naturalmente mais inteligente do que eu? — Eu não acho — respondeu Petra. — Eu sei. Há muitos estudos que comprovam isso. Os nikaras são uma nação com comportamento similar ao de uma manada. Vocês ouvem bem, mas pensar por conta própria é difícil para vocês. (Kuang, 2023b, p. 279)

Em outro momento, mais um missionário fala sobre a suposta superioridade dos hesperianos em relação aos nikaras: “Décadas atrás, a Companhia Cinzenta teria dito que fazer uma reverência a um nikara seria uma afronta à dignidade da raça branca. Afinal de contas, fomos escolhidos pelo Criador. Somos as pessoas mais evoluídas e por isso não devemos mostrar respeito a vocês” (Kuang, 2023b, p. 323). Segundo Maciel (1999) o conceito de eugenia foi criado por Francis Galton no século XIX, e até hoje é utilizado para

justificar racismo e práticas discriminatórias direcionadas a qualquer pessoa que não se encaixe no padrão caucasiano eurocêntrico.

Como, segundo os pressupostos eugênicos, a hereditariedade determinaria o destino do indivíduo, ou seja, as condições de sua vida já estariam dadas de antemão, e seu futuro desenhado ao nascer segundo a classificação de determinados critérios que o colocavam numa categoria "inferior" ou "superior". Justificavam-se, assim, as condições de vida pelas condições biológicas, o que equivale dizer que o pobre era pobre por ser inferior, nascendo predestinado à pobreza. Desta forma, não havia como escapar, a inferioridade e a superioridade eram dados a priori, determinadas pela própria natureza. (Maciel, 1999)

Essa ideia de superioridade branca é vista desde a época da colonização, quando a Igreja Católica catequizou a força os nativos nas regiões que se infiltrou, além de tentar erradicar toda e qualquer expressão de fé que não fosse direcionada ao Deus do cristianismo. E é isso que os hesperianos tentam fazer no livro: erradicar o xamanismo de Rin para que ela possa evoluir espiritualmente, através de sua concepção do que é certo e errado.

Apesar da Expedição do Norte realizada na China por Chiang Kai-shek ter sido bem sucedida, no livro, a campanha de conquista do Norte de Nikan planejada por Vaisra, resulta na captura de seu herdeiro, Yin Jinzha, e na perda da maior parte de sua frota marinha. Semanas após a sumiço de Jinzha, chega em Arlong um mensageiro com uma cesta de bolinhos fritos e uma mensagem em carmesim da Imperatriz sobre eles: “O Dragão devora seus filhos”. Além de transformar o herdeiro do Dragão em bolinhos, a Imperatriz conclui sua mensagem com um recado para seus inimigos: “Estou chegando.” (Kuang, 2023b, p. 481)

4.2 PARTE III: A REPÚBLICA NIKARA

A partir desse momento, a capital da província do Dragão se prepara para a invasão da Imperatriz e de seus aliados. Até aqui, Hesperia não havia decidido se ajudaria Vaisra ou não. Rin, em vários momentos, acredita que será o fim do sonho da República difundido por ele, já que todos morreriam na batalha contra as forças da Imperatriz. Boa parte do livro se resume à negativa do Consórcio, representado por Hesperia, em ajudar na guerra de Vaisra até que os nikaras se provem merecedores de sua ajuda. Ela só chegará no fim da invasão da Imperatriz em Arlong, o que mudará o curso da guerra em favor de Vaisra.

No entanto, antes dos hesperianos chegarem com ajuda militar, Runin aplica sua vingança contra a Imperatriz pela última vez. É nessa luta que Rin vai entender um pouco melhor as motivações de Su Daji para se manter no poder; “Estávamos fracos demais para fazer qualquer coisa quando os navios mugeneses chegaram às nossas costas. E pelas cinco décadas seguintes, quando eles nos estupraram, nos espancaram, cuspiram em nós e disseram

que valíamos menos que cães, não pudemos fazer nada.” (Kuang, 2023b, p. 566) A Imperatriz vai, então, implantar em Rin a dúvida que será desenvolvido no terceiro livro da trilogia

Rin viu uma linda jovem — Daji, tinha que ser — encolhida no chão, nua, com as roupas apertadas contra o peito. Sangue escuro escorria pelas coxas pálidas. Ela viu o jovem Riga estatelado no chão, inconsciente. Ela viu Jiang caído de lado, gritando, enquanto um homem o chutava nas costelas, de novo e de novo e de novo. Ela ousou olhar para cima. O algoz não era mugen. Olhos azuis. Cabelos amarelos. [...]
— Os mugeneses não eram o verdadeiro inimigo — murmurou Daji. — Nunca foram. Eles eram apenas pobres marionetes servindo a um imperador louco que começou uma guerra que não deveria. Mas quem deu a eles aquelas ideias? Quem disse a eles que podiam conquistar o continente? (Kuang, 2023b, p. 569)

O relato da Imperatriz faz Rin ter um choque de realidade diante dos interesses de Hesperia em ajudá-los. Faz ela lembrar, também, das suspeitas dos líderes das províncias do sul; “Também acham que os hesperianos deixaram os mugeneses invadirem Nikan de propósito. Acham que Vaisra já sabia que a Federação tentaria uma invasão, assim como os hesperianos, mas nenhum deles fez nada porque queriam o Império enfraquecido para conseguir tomar o poder.” (Kuang, 2023b, p. 523) Toda essa conjuntura sobre os interesses e ajuda tardia de Hesperia faz referência à realidade enfrentada pela China na 2ª GSJ.

Segundo Vaz-Pinto (2015) Chiang Kai-shek tinha como objetivo conquistar apoio militar de outros países, em especial dos EUA, para que a China conseguisse sair vitoriosa da guerra. Entretanto, com a eclosão da 2ª GM, os Aliados iriam retardar ao máximo o envio de ajuda à China. O Japão continuar em guerra com a China significava a divisão de suas tropas, ou seja, seus esforços e poder militar não iriam ser direcionados em sua totalidade à 2ª GM.

No entanto, mesmo depois de Pearl Harbour, o nível de ajuda que Chiang Kai-shek tinha em mente acabou por não se materializar e a China não foi um teatro de operações das tropas norte-americanas. O objectivo de Washington foi o de manter a China na guerra de modo a dividir o esforço militar japonês que manteve no antigo Império do Meio cerca de 500 mil homens. (Mitter, 2013, p. 387 apud Vaz-Pinto, 2015)

Somado a isso, durante a Guerra Civil, os EUA declararam apoio aos nacionalistas, representados pelo governo de Chiang Kai-shek, em sua iniciativa de suprimir as revoluções comunistas que estavam irrompendo com o desencadear da Guerra Fria e a influência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas na Ásia e nos países de Sul Global ao redor do mundo (Cucchisi, 2002). Isso iria se repetir, por exemplo, ao se envolverem nas revoluções que aconteceriam posteriormente em Cuba (1953-1959) e no Vietnã (1955-1975). Com isso, o papel de Hesperia no livro se assemelha com as atitudes tomadas pelos Aliados durante a 2ª GSJ, e aos interesses dos EUA caso Chiang Kai-shek vencesse os comunistas.

Com a conclusão da guerra contra Su Daji, Rin se encontra perante a incerteza sobre seu destino, e planeja fugir de Arlong junto com o Cike. Antes disso, porém, é traída por

Nezha, a mando do pai. O motivo da traição do líder do Dragão reside no xamanismo de Rin. Uma das condições impostas por Hesperia por tê-lo ajudado na guerra é a extinção dos xamãs de Nikan. Runin consegue fugir da prisão com ajuda de Kitay, com o peso do sacrifício do Cike para que isso aconteça.

No fim do livro é possível perceber mais uma figura política chinesa que Vaisra se assemelha: Yuan Shih-kai. Com a vitória contra a Imperatriz, Vaisra se volta contra os líderes das províncias do sul, anteriormente aliados dele

Vaisra está indo atrás dos líderes sulistas — explicou Kitay. — Ele ganhou seu Império. Agora, está consolidando o poder. Começou com você, e agora vai apenas se livrar dos outros. Tentei avisá-los, mas não cheguei a tempo [...] As tropas sulistas começaram a revolta. Ouvimos disparos a noite inteira. Acho que Vaisra mandou os hesperianos para cima deles. (Kuang, 2023b, p. 622)

Cucchisi (2002) aponta que, assim como muitos homens na China, Yuan sonhava em se tornar o líder do país. Yuan Shih-kai era um militar que recebeu a ordem do governo chinês de destruir o plano da República da China de Sun Yat-sen. No entanto, Yuan barganha com Sun; ele manteria a República com a condição de que ele fosse declarado presidente: “Dr. Sun, having left with either the choice of his Republic being crushed or having this military officer take the presidency away from him, had not choice but to oblige Yuan.” (Cucchisi, 2002, p. 25) Assim como Vaisra no livro, Yuan não se importava com a República, mas sim em se manter no poder.

Yuan had already dispelled the Parliament and now he had betrayed the very Republic that he was named president of. In 1915 claiming that the people wished to see the return of the monarchy, Yuan had re-established the imperial system. By January 1916, Yuan Shih-kai was inaugurated as emperor of China. 71 This was not acceptable for the people or other military members of China, who had become enthralled with the idea of democracy and did not wish to see imperialism return to China. By March of the same year, revolutionaries, as well as his own military, forced Yuan to dissolve the monarchy. (Cucchisi, 2002, p. 26)

Como dito no início, boa parte de *A República do Dragão* pode ser classificada como um contexto para o desenvolvimento do terceiro livro da trilogia. Rin, durante muito tempo, não se reconhece como nikara, mas também luta para se identificar como speerliesa. Essa busca por uma identidade, de saber de onde ela veio e quem ela realmente é, vai ser expressada ao longo do livro, e é no fim, após ser traída por Vaisra, que ela percebe por quem deveria lutar desde o início: pelo Sul, pelos camponeses, contra a aristocracia Sinegardiana que despreza as pessoas de pele escura com sotaque arrastado.

Os mapas de guerra se reorganizaram na mente de Rin. As linhas provinciais desapareceram. Tudo era apenas preto e vermelho — aristocracia privilegiada contra pobreza extrema. Os números se reequilibraram, e a guerra que ela pensava estar lutando de repente parecia muito, muito diferente. Rin havia visto o ressentimento nos rostos de seu povo. A fúria em seus olhos quando ousavam olhar para cima. Eles

não eram um povo ávido por poder. Sua rebelião não se desmancharia por causa de ambições pessoais estúpidas. Eles eram um povo que se recusava a ser morto, e isso os tornava perigosos. (Kuang, 2023b, p. 632)

A finalização do livro é feita com essa possibilidade de conflagrar uma guerra contra a República de Vaisra ao unir o povo do sul de Nikan, os camponeses que mais sofreram e sofrem com as guerras e com o descaso de seus governantes. É a partir dessa conscientização que será introduzida a referência de Mao Tsé-tung, do Partido Comunista Chinês (PCC) e da Revolução Comunista de 1949 na trilogia:

Mao, acertadamente, percebeu que, com 80% de sua enorme população vivendo no campo e com um longo histórico de revoltas camponesas, o sucesso da pretensa revolução comunista na China não poderia estar no atrofiado proletariado urbano, mas sim nas zonas rurais [...] Para Mao, competiria aos comunistas amalgamar essas forças dispersas e explorar seu incomensurável potencial revolucionário. (Visacro, p. 94, 2015)

Desse modo, os líderes do Sul enxergam em Rin um líder que irá guiar os sulistas: “Eles lutarão especialmente por ela. Ela já se tornou um mito no sul. O pássaro vermelho. A deusa do fogo. Ela é a salvadora que eles estavam esperando. Ela é o símbolo que eles passaram essa guerra toda esperando.” (Kuang, 2023b, p. 631). Com essa constatação, será no último livro que Rin tentará conquistar e unir o Sul sob a bandeira de destituir um governo que os despreza.

5 LIVRO TRÊS: A DEUSA EM CHAMAS E A ASCENSÃO DE MAO TSÉ-TUNG AO PODER

Como visto nos outros dois livros, a autora não segue uma linha do tempo rígida ao utilizar a história da China como referência em sua escrita. Apesar de no livro a guerra civil em Nikan eclodir após a Terceira Guerra da Papoula, a Guerra Civil Chinesa antecede a 2ª GSJ. Sendo assim, a execução da guerra civil fictícia intercala com os acontecimentos de antes e depois da segunda guerra entre a China e o Japão.

A partir dessa conjuntura, é necessário esclarecer algumas referências feitas por Kuang na construção desse livro. Como visto no final de *A República do Dragão*, Runin percebe que a guerra civil deveria ser vista de um novo ângulo, em que ela lutaria por seu povo, pelos camponeses. É possível interpretar no desenvolvimento da personagem a incorporação de características que remetem ao líder comunista Mao Tsé-tung. Assim como Mao, Rin entende que a revolução de Nikan só viria através da mobilização das massas, e, assim como na China, a população de Nikan é composta quase em sua totalidade por camponeses. Desse modo, o foco de Rin é unir os camponeses e fazer uma revolução em Nikan.

A representação do Partido Comunista Chinês, criado em 1921, é feita, no início, através da formação da Coalizão do Sul, composta pelos líderes das províncias do sul de Nikan. O Kuomintang (Partido Nacionalista Chinês) seria representado pela República, e os EUA por Hesperia. Em alguns aspectos, indo além do caráter militar, a Igreja do Arquiteto Divino (a religião de Hesperia) e o xamanismo se apresentam como dois polos opostos na guerra civil de Nikan, apresentando aspectos da luta entre comunismo e nacionalismo/capitalismo na Guerra Civil da China.

5.1 PARTE I: A LIBERTAÇÃO DO SUL DE NIKAN

A conclusão da trilogia se inicia com a tentativa de formar um exército, liderado pela Coalizão do Sul, que seja capaz de enfrentar e derrubar a República de Vaisra. A dificuldade na realização desse objetivo reside em dois pontos; 1) a República tem o apoio de financeiro e militar de Hesperia, país que contém em seu arsenal uma variedade de arcabuzes e dirigíveis, uma tecnologia avançada quando comparada às armas utilizadas pelos nikaras; 2) o exército do sul, quase em sua totalidade, é composto por camponeses que não foram treinados para serem soldados e não detém do conhecimento necessário para manusear armas, nem para entrar em confronto direto com um exército que é mais forte. Diante disso, o exército do sul usará de táticas de guerrilha para, inicialmente, conquistar as cidades sulistas

— Não podem usar toda uma força superior em uma só tacada, precisam fazer isso em parcelas. Operações itinerantes, ações noturnas. Pegadinhas, surpresas, todas essas coisas divertidas como as que temos feito; é assim que se encontra o alinhamento ideal [...] Vocês são como uma formiga devorando um rato ferido. Devem fazer isso mordida após mordida. Em vez de se envolverem em um confronto direto, vocês simplesmente fazem com que eles se esgotem. (Kuang, 2023a, p. 105)

A guerrilha é caracterizada como uma guerra irregular, ou seja, ela não segue o padrão de uma organização militar formal e não dispõe de legitimidade jurídica institucional (Visacro, 2015). Segundo Lobo (2007) o Exército Vermelho, criado na China na década de 1920, teve sua origem na guerrilha rural:

Para Mao, competiria aos comunistas amalgamar essas forças dispersas e explorar seu incomensurável potencial revolucionário. Ao proporcionar uma profunda e sólida orientação política ao campesinato, catalisaria o processo revolucionário chinês. Munido dessas ideias, nas montanhas Ching Kang, começou a organizar suas unidades de guerrilha, embrião do Exército Vermelho. (Visacro, 2015, p. 95)

Como dito anteriormente, os paralelos com a realidade utilizados no livro intercalam entre períodos distintos. Um dos objetivos da Coalizão do Sul é livrar o sul de Nikan dos soldados mugeneses remanescentes, que subjugarão os nikaras após não ter uma casa para voltar quando perderem a guerra. Apesar de no livro essa resistência contra os mugeneses

acontecer após o fim da Terceira Guerra da Papoula, na realidade, Mao tsé-Tung utilizou das táticas de guerrilhas durante a 2ª GSJ, quando os comunistas enfrentaram os japoneses na tentativa de evitar a ocupação total das tropas do Japão no país, o que contribuiu para o fortalecimento do PCC nos anos seguintes (Visacro, 2015). Desse modo, assim como as circunstâncias que causaram o fortalecimento do movimento comunista na China, na ficção, a libertação dos nikaras por Rin contribuía para a junção de mais camponeses ao exército e o apoio à causa que eles promoviam.

Ela é a speerliesa?, perguntavam eles. Você é a speerliesa? Você é uma de nós? Então os cochichos se tornavam mais altos e a multidão aumentava, rodeando Rin. Eles diziam seu nome, falavam sobre sua raça, sobre sua deusa. As histórias sobre Rin já tinham chegado até aquele lugar; ela conseguia ouvir os sussurros em meio à turba [...] — Avisem suas famílias que vocês foram salvos. Digam que os mugeneses não vão mais incomodá-los. E, se perguntarem quem libertou vocês, digam que a Coalizão do Sul está cruzando o Império com a Fênix. Digam que vamos tomar nosso lar de volta. (Kuang, 2023a, p. 43-44)

Nesse momento, em paralelo a libertação do sul de Nikan, a atenção da República estava voltada para o norte do país, para concluir o objetivo de exterminar os líderes das províncias restantes que ainda se opunham à forma de governo implantada por Vaisra. “A cada novo relatório que chegava a Ruijin, a República aumentava seu domínio no norte, ou seja, o tempo de Rin estava se esgotando. A Coalizão do Sul era apenas uma rebelião entre muitas.” (Kuang, 2023a, p. 76). Kuang desenvolve essa campanha da República a partir da campanha militar de Chiang Kai-shek em 1926-1928. Para Coggiola (1985), Chiang Kai-shek conseguia ser libertador da China, ao erradicar os “senhores de guerra” do país, ao mesmo tempo em que era defensor das classes possuidoras, que eram contra a revolução social.

No livro, Runin acredita que estava fazendo uso de “tempo emprestado”, até a República voltar sua atenção para a resistência do sul de Nikan. Em 1927, após libertar Xangai de uma insurreição popular dirigida por milícias operárias, Chiang Kai-shek partia para esmagar as rebeliões do sul da China (Coggiola, 1985). Entre 1927 e 1930, Chiang derrotou e massacrava dezenas de insurreições organizadas pelo PCC. Dessa forma, retratando a história da China, após derrotar os líderes das províncias do norte de Nikan, a República direciona seu foco para a Coalizão do Sul e, principalmente, para Rin.

Como a República tem o apoio de Hesperia, e a existência de Runin é considerada um erro para a religião hesperiana, Nezha, o Jovem Marechal do exército do pai, é encarregado de capturá-la. Com isso, ao descobrir a localização dela, Nezha bombardeia a cidade, matando milhares de civis e captura Kitay, melhor amigo de Rin. O bombardeio de Tikany leva a Coalizão do Sul a se refugiar em túneis para planejar seus próximos passos. Esse movimento realizado pela Coalizão do Sul remete à estratégia aplicada pelo PCC, quando os consecutivos

massacres realizados pelo Kuomintang (KMT) obrigaram o partido a se refugiar nas bases rurais da China (Coggiola, 1985). É a partir dessa movimentação que o estímulo da revolução chinesa deixa de ser os centros urbanos e passa a ser o campesinato (Visacro, 2015).

Após o bombardeio de Tikany, Rin descobre como Nezha conseguiu encontrá-la; “Ele pediu para te dizer que as coisas não precisam acabar em morte. Ele só quer conversar. Disse também que não quer guerra e que está disposto a perdoar todos os seus aliados, porque só quer você.” (Kuang, 2023a, p. 218). Traída pela Coalizão do Sul em troca de clemência da República, Runin escapa de Tikany com a ajuda de sua antiga inimiga: Su Daji, a ex Imperatriz de Nikan, que sobreviveu a batalha em Arlong e pretende apoiar Rin em seu objetivo de expulsar os hesperianos do país.

5.2 PARTE II: INTERPRETAÇÕES DE DIVINDADE E A GUERRA CIVIL DA CHINA

O afastamento de Rin do exército, causado pela traição da Coalizão do Sul, é uma breve alusão ao afastamento de Mao Tsé-tung do comitê central do PCC e, posteriormente, à destituição de sua posição dirigente em 1931 (Pomar, 2003). Desde o início, os líderes da Coalizão do Sul não levavam a sério as sugestões feitas por Runin, mantinham-na por perto por conta do poder da Fênix, mas no fundo a achavam tola. Apesar de não ter ocorrido uma traição explícita a Mao dentro do PCC, Kuang utiliza da desconsideração pelas opiniões e sugestões de Mao, em relação ao uso do Exército Vermelho (Pomar, 2003, p. 43), como um reflexo para o papel de Rin dentro da Coalizão do Sul.

A partir dessa conjuntura, o desenrolar da história será focado na oposição entre o xamanismo e a Igreja do Arquiteto Divino. Runin é convencida por Su Daji que conseguirá vencer a República e Hesperia quando reunir novamente a Trindade, mencionada anteriormente no subtópico 3.2, e utilizar os poderes xamânicos dos três combinados com o de Rin, para expulsar os estrangeiros de Nikan. Su Daji aconselha Rin a assassinar os líderes da Coalizão do Sul assim que ela volte para o exército; “Mate seus rivais imediatamente.” (Kuang, 2023a, p. 257). De início, Rin hesita diante do comando:

— Mas isso não é...? — Rin fez uma pausa, tentando pôr em palavras a exata natureza de sua objeção. Por que era tão difícil explicar seu argumento? — Eles não merecem isso. Seria uma coisa se fossem oficiais da República, mas estão lutando pelo mesmo sul que a gente. É errado... — Querida. — Daji suspirou, impaciente. — Pare de fingir que se importa com coisas como ética. É vergonhoso. Em certo ponto, terá que se convencer de que está acima do certo e do errado. A moralidade não se aplica a você. (Kuang, 2023a, p. 257)

Não é incomum o conceito de moralidade sobre o que é certo ou errado estar em conflito diante das atitudes tomadas por Rin ao longo da trilogia. Na literatura, existe um termo que se enquadra na personalidade de Rin, o “moralmente cinza”. Isso se expressa nos sentimentos da personagem, por exemplo, ao enfrentar soldados mugeneses que ela considera muito jovens, mas não deixa de puni-los por serem mugeneses:

Os limites da guerra haviam se tornado tênues demais. Todo soldado mugênês que vestia um uniforme era cúmplice, e Rin não tinha paciência para separar culpados e inocentes. A justiça speerliesa era absoluta. Sua vingança era definitiva. Ela não tinha tempo para pensar no que poderia ter acontecido se fosse diferente; havia uma pátria para libertar. (Kuang, 2023a, p. 29)

Ser moralmente cinza compreende uma pessoa que não é boa ou má em sua totalidade. Diante do contexto de guerra em que Rin está inserida, ela tende a tomar atitudes que possam ser vistas como imprudentes ou cruéis. Todavia, ela acredita que suas motivações residem e têm uma importância maior do que a vida de soldados. O que é o massacre de um povo hoje se ele pode evitar, no futuro, a morte de milhões de nikaras? Se ela pode levar a unificação do seu país, a libertação do seu povo? De acordo com Pinzani em seu livro *Maquiavel & o príncipe* (2004), na política não há lugar para julgamentos morais:

Sobre a política, os critérios para julgar ações e comportamentos nesse âmbito não podem ser os mesmos do âmbito moral. O único critério aceito por Maquiavel é o êxito. Um príncipe pode ser louvado ou vituperado pelas suas qualidades, mas o sucesso em conseguir os seus fins políticos lhe produzirá sempre louvor, sendo-lhe, por conseguinte, mais importante do que qualquer excelência moral. Logo, se o príncipe, para alcançar tais fins, precisa fazer uso da crueldade ou da avareza, então, tanto pior para a moralidade tradicional! Dessa maneira também as qualidades morais tornam-se simples instrumentos na luta pelo poder e o sucesso político. (Pinzani, 2004, p. 42)

Sendo assim, para Rin, suas atitudes podem ser compreendidas quando vistas no contexto social que estão inseridas, mesmo quando vão na direção contrária da moralidade. É por isso que ao longo do desenvolvimento do livro ela se torna cada vez mais desregrada. Sendo assim, ela segue para Cidade Nova, antes Arabak, base militar da República que foi remodelada e renomeada para acomodar os hesperianos, com o propósito de resgatar Kitay. Ao chegar na cidade Runin é surpreendida pelas mudanças feitas pelos hesperianos, em pouco tempo eles apagaram a história da cidade e impuseram seu modelo de vida sob os

nikaras, e pergunta a si mesma; “Quanto tempo levariam para reconfigurar toda a nação?” (Kuang, 2023a, p. 271)

— Foi assim que nos sentimos da última vez. — O tom de Daji era estranhamente gentil. — Eles vieram, reconstruíram nossas cidades e as transformaram de acordo com seus princípios de ordem, e quase sucumbimos [...] Querem nos apagar. É o direito divino deles. Querem nos tornar melhores ao nos transformar em espelhos de si mesmos. [...] Mas qualquer cultura ou estado que seja diferente é necessariamente inferior. *Nós* somos inferiores, até que falemos, nos vistamos, ajamos e adoremos como eles. (Kuang, 2023a, p. 277)

Essa ambição de que Nikan se torne um espelho de Hesperia, e essa construção sendo incentivada através da religião e do apoio militar deles, é uma alusão a concepção do que, de acordo com Mitter (2013), os EUA acreditavam que os chineses precisavam. Os norte-americanos na China sentiam que tinham um papel especial no país, influenciados principalmente por missionários que contribuíram para o estabelecimento dessa crença entre os estrangeiros:

America’s missionary presence in China led to many fruitful cultural encounters. But there was a fundamental misconception at the heart of much of the American thinking about China, and one which is not entirely absent from political thought today: a widely held belief that the Chinese aspired to become like Americans, and that it was the job of the Americans to train them to achieve that goal, whether in systems of government, education or religion [...] A positive view took hold that China was indeed a fledgling America, a Christian nation in the making, and a potential liberal democracy. (Mitter, 2013, p. 58-59)

No livro, a imposição da cultura e religião hesperiana na cidade aterroriza Runin; “Até então, ela havia encarado a ameaça hesperiana em termos de força bruta³ — por meio de frotas de dirigíveis, arcabuzes fumegantes e mísseis explosivos. Ela os via como inimigos no campo de batalha. Nunca considerara que essa forma alternativa de apagamento poderia ser muito pior.” (Kuang, 2023a, p. 278). O apagamento da cultura nikara em Arabak se apresenta já em seu novo nome: Cidade Nova, e a culpa dele recai sobre a República e Yin Vaisra, que permitiu a colonização de seu território por uma potência estrangeira.

Desse modo, Mitter (2013) comenta sobre como a difusão da ideia de que a China precisava mudar para se adaptar ao modelo democrático exigido pelos EUA também é culpa dos Nacionalistas e do próprio Chiang Kai-shek, que se tornou uma espécie de agente direto dos EUA dentro de um país que lutou por anos contra as amarras imperialistas de potências estrangeiras (Coggiola, 1985)

³ Em *The Burning God* (Kuang, 2020), versão do livro em inglês, é utilizado o termo *hard power*, amplamente utilizado nas Relações Internacionais. Segundo Wilson (2008) *hard power* é definido como a capacidade de coerção dos Estados, caracterizado por intervenção militar, diplomacia coerciva e sanções econômicas para impor seus interesses nacionais, o que se encaixa no contexto do poderio bélico-militar dos EUA, representado por Hesperia na trilogia.

The Nationalists themselves, of course, were often guilty of playing to this view of themselves as Western liberals in the making, assuring American visitors that they were building a new China that could stand proudly among the free and democratic nations of the world. The Nationalists had a very weak hand to play – China had not been truly pacified, and imperialist power remained strong – and had an interest in telling a powerful sponsor such as the US what they thought it would want to hear. (Mitter, 2013, p. 59)

Seguindo com o plano de resgatar Kitay, a simetria entre a suposta superioridade de Hesperia e inferioridade de Nikan se apresenta novamente na localização da prisão dos inimigos da República e de Hesperia: embaixo da Igreja do Arquiteto Divino

Fazia sentido os hesperianos manterem seus pecadores e crentes sob o mesmo teto. A Companhia Cinzenta gostava de simetria. O Arquiteto Divino se mobilizando contra o Caos. Luz contra escuridão. Adoradores em cima, pecadores em baixo, o lado oculto da jornada cruel e impiedosa da barbárie rumo a uma civilização bem ordenada. (Kuang, 2023, p. 284)

Ao recuperarem Kitay de Arabak, eles seguem de volta para o sul, para encontrar o exército e reuni-lo novamente sob a imagem de Rin como salvadora. Como citado antes, um dos problemas em lutar contra a República era o apoio militar que Hesperia concedia, principalmente seus dirigíveis, uma tecnologia que os nikaras ainda não tinham familiaridade. A situação enfrentada pelo exército do sul se enquadra no momento posterior à 2ª GSI, quando Chiang Kai-shek recebeu o apoio dos EUA para que ele pudesse assumir o controle total da China e impedir o avanço do comunismo no país. Em 1946, Chiang Kai-shek tinha em seu poder cerca de 500 aviões, comandados majoritariamente por pilotos norte-americanos (Coggiola, 1985).

O retorno de Rin à Coalizão do Sul é marcado por uma batalha que leva ao assassinato de Vaisra, presidente da República. Com a vitória temporária sobre a República, Runin percebe a importância de falar com seu exército, deixá-los ver que ela retornou e luta por eles, pelo seu povo:

Todos queriam falar com ela, ouvir sua voz, tocá-la. Não acreditavam que estava de volta ou que estava viva. Tinham que ver o fogo dela com os próprios olhos. — Sou eu mesmo — garantiu ela, de novo e outra vez. — Estou de volta. E tenho um plano. Logo a dúvida e a confusão se transformaram em admiração, depois em gratidão e, por fim, em lealdade irrestrita e inflexível [...] Talvez antes não acreditassem nela, mas não podiam duvidar agora [...] E, enquanto caminhava pela multidão de rostos admirados e agradecidos, Rin percebeu que aquele exército finalmente pertencia a ela para sempre. (Kuang, 2023a, p. 331-332)

Kuang, mais uma vez, introduz no desenvolvimento de Rin traços que remetem à personalidade de Mao Tsé-tung. De acordo com Mitter (2013), Mao adorava conversar por horas com amigos e visitantes. Já Alexander (2017) aponta que Mao possuía uma capacidade de captar a atenção de sua audiência, pois apenas falar o que seus ouvintes querem ouvir não seria suficiente para uni-los:

Narrando as histórias e escrevendo os textos, [Mao] faz-se parte integrante do processo. Tudo o que está associado à sua pessoa também se torna significativo – os cabelos longos, os dedos longos, as roupas largas, o modo simples de se expressar, o fato de, ao mesmo tempo, ser um homem do povo e um intelectual [...] Mao como um líder “detentor único de um discurso inversivo capaz de gerar apoio público”, um “sistema interior de códigos, símbolos e ícone” que se revelou “capaz [de] unificar uma comunidade diversa. (Apter; Saich, 1994, p. 69 apud Alexander, 2017 p. 204-5)

Com a conquista da lealdade do exército do Sul, Rin aceita o conselho dado por Su Daji e mata os líderes da Coalizão do Sul, iniciando uma nova fase com os sulistas sob seu comando:

— Agora, a Coalizão do Sul acabou — declarou ela. As palavras encontraram puro silêncio. Ninguém reagiu. Eles esperaram. Rin ergueu a voz. — Yang Souji e o Líder do Macaco são prova das falhas das coalizões políticas. Eles quase destruíram vocês com suas lutas internas. Não tinham estratégia. Eles me traíram e enganaram vocês. Mas eu voltei. Eu sou a sua libertação. E agora tomarei sozinha as decisões para este exército. (Kuang, 2023a, p. 341)

Após essa declaração, Rin guia seu exército à Província do Cachorro, em direção ao monte Tianshan, para acordar o último xamã da Trindade, o Imperador Riga “O destino desta nação depende de quão rápido vamos chegar ao monte Tianshan.” (Kuang, 2023a, p. 348). A decisão de Rin em desfazer a Coalizão do Sul e marchar para o norte de Nikan faz conexão com dois acontecimentos da Guerra Civil chinesa.

Segundo Coggiola (1985), em 1936, o Exército Vermelho foi transformado no 4º e 8º corpos de exército do Exército Nacional da China após a consolidação de uma aliança com o KMT, como uma das concessões para suspender a guerra civil no país e formarem uma resistência contra a invasão japonesa. Posteriormente, em 1947, com a retomada da guerra civil, o 4º e o 8º exércitos (cerca de 1,2 milhões de homens) foram transformados pelos comunistas no Exército Popular de Libertação (EPL) e denominaram a guerra civil de “Guerra da Libertação” (Pomar, 2003, p. 59). Quando Rin desfaz a Coalizão do Sul e declara que dali em diante ela seria libertação do povo nikara, Kuang faz referência à criação do EPL.

A segunda conexão reside no plano de Rin de guiar seu exército para a Província do Cachorro. Durante a marcha, o exército enfrenta duras perdas provocadas pelo tempo, pela fome e por doenças. “Perdas enormes eram inevitáveis. A sobrevivência deles era incerta. Caso se aventurassem, poderiam se apagar da história completamente [...] Poderia ser o fim da história deles ou o começo de um capítulo glorioso.” (Kuang, 2023a, p. 349). A marcha realizada pelo exército de Rin faz referência à Longa Marcha realizada pelo PCC. Liderada por Mao Tsé-tung, a marcha foi uma retirada estratégica para se defender das campanhas de ataque coordenadas contra os comunistas pelo KMT em 1934 (Pomar, 2003, p. 44)

By 1934 Mao had orchestrated the Long March which was to be a 6,000-mile walk through China, which started out with 100,000 members and ended with fewer than 10,000 members completing the journey. The purpose of the march was not only to boost esteem of the party members but also to gain public attention and support-and it was successful in doing just that [...] The Long March also succeeding in gaining prestige for Mao-not only in the eyes of his followers, but in the eyes of other Chinese, as well as raising his own self esteem. (Cucchisi, 2002, p. 31-32)

A inversão dos acontecimentos no livro (o exército da libertação de Rin sendo criado antes da realização marcha) é uma das evidências de que Kuang não segue uma linha temporal de forma rígida, mas não deixa de abordar a realidade. Como visto, a liberdade de não seguir estritamente um padrão lógico-científico é uma das possibilidades que o realismo fantástico fornece aos autores. Retornando à marcha fictícia, ao chegar na Província do Cachorro, Runin deixa temporariamente seu exército e segue para a Montanha Tianshan para acordar o Imperador Riga. O plano de Rin, no fim, se revela uma manobra para eliminar a Trindade e parte da frota de dirigíveis da República:

Em um único golpe, ela se livrou da Trindade e da frota hesperiana. Duas das maiores forças que o Império já vira acabadas, varridas da face da Terra. Todo o equilíbrio do mundo havia mudado. Em sua mente, ela viu as forças se invertendo. Rin passara tanto tempo lutando uma guerra louca, irremediável e desesperada. E agora parecia que a vitória estava tão, tão perto. (Kuang, 2023a, p. 425)

Os próximos passos de Rin serão baseados em conquistar o máximo de território de Nikan, principalmente as regiões em que estão situadas as bases militares da República,

Uma estratégia de duas pontas ao norte e ao sul [...] Então nós os atacamos pelo nordeste e pelo noroeste [...] Enviamos a primeira coluna pelas Províncias da Cabra, do Rato e do Tigre. Então a força principal atacará na área central, bem no momento em que Nezha espalhar as forças tentando manter o território que acabou de tomar. (Kuang, 2023, p. 437).

A movimentação do exército de Rin faz alusão à movimentação do EPL em 1947-1948, quando o exército avançou pelo território chinês derrotando os soldados nacionalistas. Quase dois milhões de nacionalistas foram retirados de combate pelo EPL (Pomar, 2003).

Em setembro de 1948, tiveram início as três campanhas do EPL, que modificaram radicalmente o curso da guerra. Na primeira, os setecentos mil homens do Exército de Campanha do Nordeste varreram o Guomintang da região, ao destruir catorze exércitos, com 470 mil homens. Na segunda, os seiscentos mil homens dos Exércitos de Campanha do Leste e do Planalto Central desbaratarem cinco exércitos do Guomintang, com 550 mil homens, e passaram a ameaçar Nanjing, capital nacionalista. Na terceira, o Exército de Campanha do Nordeste e parte do Exército de Campanha do Norte atravessaram a Grande Muralha, cortaram a retirada dos seiscentos mil homens do general Fu Zoyi, colocaram 520 mil fora de combate e conquistaram Beijing, Tianjin e Shijiazhuang. Ao todo, o Guomintang perdeu 1,54 milhão de homens. (Pomar, 2003, p. 62)

Um dos receios de Runin ao comandar o exército residia na força militar oferecida por Hesperia à República. Por esse motivo, ela decide treinar três de seus soldados para se

tornarem xamãs, acreditando que isso mudaria a balança de poder da guerra. Rin interpreta que o apoio de Hesperia à República se baseia no objetivo dos hesperianos de erradicar o xamanismo de Nikan; “O ocidente não vê esta guerra como uma luta material — argumentou ela. — O que está em jogo são as interpretações de divindade. Eles acham que podem nos esmagar como formigas porque obedecem ao Arquitecto Divino.” (Kuang, 2023a, p. 441)

Para Cucchisi (2002), um dos motivos para os EUA terem apoiado os Nacionalistas na Guerra Civil chinesa era para impedir a influência da URSS no país, em um contexto de polarização político-ideológica da Guerra Fria. No caso, as “interpretações de divindades” ditas por Rin seriam uma referência à interferência dos EUA em guerras civis durante a Guerra Fria, quando o país norte-americano tentava impor sua concepção de democracia e liberdade ocidental, considerando inadequada todo sistema político que não fosse igual ou semelhante ao seu.

Com a morte de Vaisra, Nezha se torna o responsável por tomar as decisões militares da República. Para Rin, destruir Nezha seria destruir a República. Por isso, ela decide como ponto final de sua conquista territorialista a capital da Província do Dragão e da República, Arlong. “Ela queria Nezha morto, a República destruída, o sul liberto e os hesperianos banidos.” (Kuang, 2023a, p. 500). Com a proximidade do fim da guerra, Runin se torna cada vez mais confiante e, de certa forma, descuidada:

Afinal de contas, os últimos meses haviam deixado claro que ela não podia ser derrotada. Batalha após batalha, vitória após vitória, Rin ficava mais e mais convencida do fato de que fora escolhida pelo destino para governar o Império. O que mais explicava sua onda de incríveis e improváveis vitórias e fugas? Ela havia sobrevivido a Speer. Godyn Niis. O laboratório de Shiro. Conduzira um exército por uma longa marcha. Emergira vitoriosa do monte Tianshan. Enganara e destruíra os mugeneses, a Trindade e Vaisra. E agora estava prestes a derrubar Nezha.” (Kuang, 2023a, p. 519)

É quando ela recebe um recado de um soldado informando que Nezha pretende encontrá-la antes que ela chegue a Arlong, em Xuzhou, cidade localizada entre as montanhas características da Província do Dragão.

O Imperador Vermelho a planejara para que fosse um cemitério imperial [...] Contratara os escultores, arquitetos e jardineiros mais habilidosos para construir grandes monumentos para seu regime, e, ao longo das décadas, o que tinha começado como um único cemitério se espalhou em um memorial do tamanho de uma cidade (Kuang, 2023a, p. 530).

O local escolhido para o combate entre os dois exércitos é uma breve referência ao Mausoléu de Qin Shi Huang, primeiro imperador da China unificada, onde estão situadas milhares de esculturas conhecidas como soldados de terracota:

Los soldados, de tamaño natural, conforman un verdadero ejército en majestuosa formación de combate, lucen fuertes, aguerridos, con gesto adusto y rostros irrepetibles, diferenciados por su indumentaria y rasgos faciales. Se cree que cada

figura de barro tenía su equivalente en el ejército imperial y que la diversidad de individuos representaba la diversidad de caracteres físicos del hombre chino del Este de aquella época. (Trevisan, 1995)

O livro, a partir desse combate em Xuzhou, segue uma linha mais fantástica em que o xamanismo seria a chave principal para a finalização da guerra: “Duas paredes se encontraram no meio da passagem — azul e vermelho, Fênix e Dragão.” (Kuang, 2023a, p. 542) Nezha também é um xamã, ou seja, também é portal para o poder de um deus. Mas ao contrário da deusa de Rin, o deus de Nezha tem forma física, um dragão que vive nas cavernas de Arlong. Rin acredita que, ao assassinar o deus de Nezha, ela conseguirá derrotá-lo. “Nezha cairia se Arlong caísse. Nezha morreria se o Dragão morresse.” (Kuang, 2023a, p. 546) Sendo assim, eles seguem para Arlong, para a última invasão.

5.3 PARTE III: O TRIUNFO DE MAO TSÉ-TUNG E A RUÍNA DE FANG RUNIN

A vitória do exército do Sul acontece de forma repentina. Rin, não entende como, estava ocupada tentando assassinar o deus Dragão (o que não conseguiu), mas quando entra na cidade, encontra Kitay e ele confirma a vitória; “Não entendo — disse ela para Kitay. — O que aconteceu? — Acabou — respondeu ele. — A cidade é nossa.” (Kuang, 2023a, p. 579)

Ela tinha a percepção vaga de que havia vencido [...] Como aquilo poderia ser chamado de vitória? Ela sabia qual era o gosto da vitória. Vitória era quando varria as tropas inimigas do campo com uma chama divina e seus homens gritavam e tomavam o que era deles por direito. A vitória era merecida. Justa. Mas aquela situação parecia trapaça — como se seu oponente tivesse tropeçado e ela tivesse sido declarada vencedora por acidente, o que tornava o êxito algo escorregadio e frágil, uma vitória que poderia ser arrancada a qualquer momento por qualquer motivo. (Kuang, 2023a, p. 579)

A vitória do PCC sobre os Nacionalistas também aconteceu com uma invasão. Em 1949, o EPL ocupava Pequim e, em outubro do mesmo ano, Mao Tsé-tung proclamou a República Popular da China (RPC) na Praça da Paz Celestial da cidade (Pomar, 2003). O modo como Kuang executa a vitória do exército de Rin no livro, com ela questionando essa constatação, baseia-se na forma que o PCC ganhou, definitivamente, a guerra. A entrada dos comunistas em Pequim aconteceu sem confrontos violentos (Couto, 2008). Rin foi treinada em uma escola militar para ser um soldado, portanto, sua concepção de vitória em uma guerra é baseada em batalhas sangrentas e submissão total do seu inimigo.

Após a realização dos ritos e homenagens aos soldados e civis mortos, Rin se prepara para começar a governar o país. Primeiro, pretende decidir o que fazer a respeito de Nezha; “Os batedores de Rin relataram que ele havia fugido do país com seus oficiais e conselheiros

mais próximos, todos amontoados em toda embarcação mercante e de pesca que a República conseguiu reunir.” (Kuang, 2023a, p. 609)

É quando ela descobre que Nezha, junto com os representantes de Hesperia e apoiadores da República fugiram para Speer, ilha vizinha de Nikan, onde aconteceu o genocídio dos speerlieses. “Nezha certamente escolhera Speer para irritá-la. Rin podia ouvir a provocação na voz dele. Você pode ter tudo, mas eu tenho seu lar. Tenho o último pedaço de território que não controla.” (Kuang, 2023a, p. 609). A atitude tomada por Nezha remete ao refúgio de Chiang Kai-shek e o que restava dos seus apoiadores e do exército na ilha de Formosa (Taiwan), em dezembro de 1949 (Coggiola, 1985). E, assim como Hesperia na ficção, os EUA também retiraram da China seus embaixadores, empresas e bens e os reposicionou em Taiwan (Pomar, 2003, p. 63)

Na fantasia de Kuang, a guerra devastou Nikan. “Todas as províncias sofriam com falta de grãos. O comércio de gado não existia, já que fora destruído pela invasão mugenesa, e a guerra civil que se seguira não dera espaço para recuperação.” (Kuang, 2023a, p. 612). O país sofria com a fome, doenças e a destruição de seus territórios. A realidade de Nikan se assemelha a realidade enfrentada pela RPC após a Guerra Civil:

Em 1950, com cerca de quinhentos milhões de habitantes, a China estava destruída. Suas ferrovias e rodovias encontravam-se sem condições de uso. As indústrias, além de poucas e atrasadas, encontravam-se inoperantes. Grande parte da colheita de outono havia se perdido e os estoques tinham sido transportados pelas tropas do Guomindang em fuga. Milhões de pessoas encontravam-se desempregadas. O novo governo tinha diante de si uma China à beira da anarquia, isolada e ameaçada militarmente. (Pomar, 2003, p. 63)

No livro, a prioridade de Rin, então, seria a reconstrução de Nikan. O impasse principal para a concretização desse objetivo residia na falta de suprimentos para o povo. Eles não tinham grãos para plantar, e, mesmo se tivesse, o território estava destruído. Durante a guerra, o país estava sobrevivendo às custas da importação de grãos de Hesperia. Porém, com a derrota da República, esse fornecimento foi cortado. Essa era uma preocupação de Rin caso eles saíssem vitoriosos; “Quero dizer, se vencermos, eles não vão deixar de fazer negócios com a gente?” (Kuang, 2023a, p. 513)

Paralelamente no mundo real, segundo Maestri (2021), o bloqueio econômico é uma estratégia utilizada por países imperialistas para erodir a economia e dilacerar a sociedade dos Estados que resistem a eles. Essa alternativa é colocada em prática quando não é viável ou interessante um ataque militar direto a esses países. Sendo assim, a situação enfrentada por Rin na reconstrução de Nikan é uma alusão à realidade enfrentada pela RPC com a sua vitória sobre os Nacionalistas:

Os EUA estenderam logo um cordão de isolamento ao redor da "China Vermelha", negando-lhe reconhecimento diplomático (na ONU, o governo de Chiang, o KMT, foi reconhecido como o legítimo governo chinês, apesar de exercer sua autoridade só na ilha de Formosa) e intercâmbio econômico. Chegou-se a proibir que qualquer cidadão norte-americano pusesse os pés na RPC. Assim tratou o "mundo livre" uma revolução que, no entanto, não lhe manifestou de início qualquer hostilidade, pois dele precisava para desenvolver sua economia. (Coggiola, 1985)

Apesar de na realidade a RPC ter realizado uma reforma agrária (ao promulgar a Lei da Reforma Agrária em 1950 (Pomar, 2003)), sendo uma das resoluções que possibilitou a reconstrução da China, na ficção de Kuang, os problemas de Nikan não foram solucionados. Runin se encontra cada vez mais afundada em circunstâncias sem saída, “Ou, pelo menos, essa era a mentira que Rin e Kitay contavam a si mesmos, para evitar enfrentar a constatação esmagadora de que eram crianças despreparadas e desqualificadas fazendo malabarismos com um edifício imponente que poderia desabar a qualquer momento.” (Kuang, 2023a, p. 620)

Uma das últimas conexões da figura de Mao Tsé-tung à Rin está nas deliberações sobre o que ela desejava fazer em Nikan; “fantasiavam sobre tudo o que mudariam no Império assim que o colocassem em ordem. [...] Baniremos o casamento infantil — declarou Rin. — Será ilegal arranjar casamentos até que os envolvidos tenham pelo menos dezesseis anos.” (Kuang, 2023a, p. 621). Segundo Mitter (2013) Mao, quando jovem, atacou em um dos seus textos a tradição chinesa de casamento arranjado: “‘Chinese parents,’ he wrote, ‘all indirectly rape their sons and daughters.’” (p. 52), e que, para ele, a construção de uma China forte viria através de uma revolução social e política, o que aconteceria posteriormente.

A conclusão do livro se encaminha para um lugar mais sombrio: Rin vai se tornando gradativamente mais perturbada. Ela acredita que boa parte das pessoas querem vê-la falhar, estão contra ela. Em um surto de desconfiança, suspeita que Venka, que lutou ao seu lado durante toda a guerra, é uma espiã a mando de Nezha. Mesmo saindo vitoriosa da guerra, não consegue deixar de lado a sensação de que Hesperia seria uma ameaça para Nikan. “Mais uma campanha. Mais uma batalha. Então ela seria a única restante, sentada em seu trono no sul, preparada para reconstruir o país destruído como bem entendesse.” (Kuang, 2023, p. 624).

A ideia de Rin de “mais uma batalha” é uma breve citação do apoio da China à Coreia do Norte durante a Guerra da Coreia (1950-1953), logo após o fim da Guerra Civil chinesa. De acordo com Felipe (2019), a China enviou soldados do EPL para lutar na Coreia como uma estratégia para consolidar o comunismo na península, ao mesmo tempo que mantinha o conflito longe de suas fronteiras e, com isso, se tornava seu aliado mais importante. Mais uma vez, assim como na guerra civil da China, os EUA intervêm e declaram apoio à Coreia do Sul, em um contexto de polarização política das duas Coreias. Entretanto, a referência ao conflito

coreano não é aprofundado no livro. Kuang decide finalizar a trilogia de um modo atípico e, embora tenha utilizado do realismo fantástico para elaborar sua fantasia, ela se desprende da realidade para se perder na ficção.

A divergência crucial da realidade na conclusão da história consiste na manutenção do poder após a revolução. Na China, Mao Tsé-tung permaneceu no poder por anos. A revolução liderada por Rin, no entanto, se encontrava diante de muitos impasses. A reconstrução do país não iria se realizar sem apoio externo. Mas Runin se negava a se curvar novamente às potências estrangeiras, mesmo quando Kitay apontava que cooperação não era o mesmo que submissão, mesmo que isso significasse a morte de seu povo em decorrência das consequências das guerras (Kuang, 2023a, p. 649). A última prova de que Rin se perdeu é quando ela acredita que Kitay está conspirando contra ela, quando ele pede para que ela se encontre com Nezha para que possam entrar em um acordo em prol de Nikan:

Aquele não era Kitay. Era alguém fraco, ingênuo e corrompido. Ela o perdera. Quando Kitay se tornara seu inimigo? Rin não tinha visto acontecer, mas agora era óbvio. Talvez tivesse se voltado contra ela em Arabak. Poderia estar planejando aquela traição desde que deixaram Arlong. Poderia ter trabalhado contra ela o tempo todo, segurando-a, impedindo-a de queimar o mais forte que podia. Será que Kitay estava do lado de Nezha o tempo todo? (Kuang, 2023a, p. 650)

Desde o início Rin tem consciência que o impulso da Fênix é para destruir, para queimar. Quando as condições propostas por Nezha declaram que ela terá que abdicar de seu xamanismo para que a cooperação com Hesperia possa acontecer, ela se nega. Perder o acesso ao fogo da deusa seria perder quem ela é, sua identidade. Mas se negar a isso custaria muito: a vida do seu povo, a reconstrução do seu país, a possibilidade de um futuro em que Nikan pudesse viver em paz. “Isso era paz? Isso era libertação?” (Kuang, 2023a, p. 667)

Ela nunca pararia. Não haveria limites para seu poder. Rin nunca pararia de usá-lo, abrindo a mente dele e a incendiando a cada hora, minuto e segundo, porque sempre precisaria do fogo. Se fizesse isso, sua guerra se estenderia por todo o mundo e seus inimigos se multiplicariam — sempre haveria outra pessoa, alguém como Petra, tentando banir sua deusa e esmagar sua nação, ou alguém como Nezha, tentando fomentar a rebelião de dentro. E, a não ser que matasse cada um deles, Rin nunca estaria segura e sua revolução nunca teria sucesso. Teria que continuar até reduzir o resto do mundo a cinzas, até ser a última sobrevivente. (Kuang, 2023a, p. 667)

A Deusa em Chamas termina com o último sacrifício de Rin em prol de Nikan; ela aceita sua partida, pede para que Nezha a mate, se isso significar a libertação do seu povo, mesmo que essa libertação só aconteça depois de um longa marcha. “Nunca há novas histórias, apenas as antigas recontadas enquanto o universo se move por seus ciclos de civilização e sucumbe ao desespero.” (Kuang, 2023, p. 445). A construção de uma trilogia baseada na história militar chinesa, que leva a um final destoante da realidade pode parecer decepcionante, mas essa é só mais uma expressão do realismo fantástico:

Parece inegável que o fantástico continue, como desde seu início e nas mais diferentes vertentes, dando voz àquilo que o homem não consegue compreender. Se por muito tempo tratou da relação do homem com os mistérios do religioso e do mito, após o que se pode chamar de morte do sagrado, ele passa a tratar cada vez mais dos mistérios das relações humanas no mundo atual. Uma atualidade que, conforme aqui já discutido, se torna cada vez mais inacessível e, por vezes, inaceitável. Se Aristóteles na sua poética já dizia que nem sempre a realidade era verossímil, e que o que cabia à literatura era a verossimilhança, pode-se dizer que o homem chegou a um estágio onde a sua realidade só se constrói no irreal, e a literatura, junto com outras expressões artísticas, seria um caminho (Coutinho, 2012, p. 145).

Fang Runin, que começa a trilogia como uma órfã de guerra, uma camponesa da Província do Galo, fugindo de um casamento arranjado sem ter ideia que, anos depois, chegaria ao poder do país como uma xamã, speerliesa, líder de uma revolução, decide abrir mão desse poder e de sua vida, para que Nikan possa prosperar e para que seu povo possa, enfim, conhecer a paz. Logo, R.F. Kuang conclui a trilogia "A Guerra da Papoula" depois de entregar nos três livros uma fantasia brutal que faz paralelos com a história de um país que conseguiu se reerguer (econômica, política e socialmente) depois de ter sido invadido, dividido e barbarizado ao longo dos anos por potências imperialistas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando escreveu a trilogia *A Guerra da Papoula*, Kuang quis explorar uma ideia: “E se Mao tivesse sido uma adolescente?”⁴. O Realismo Fantástico, em sua concepção, é livre para ser utilizado da maneira que o autor desejar, para ser interpretado de diversas formas, a depender de sua audiência. Sendo inseparável da sua premissa fundamental, a realidade e seus artifícios permitem ao autor se aventurar no fantástico. A partir dele, a ideia de alguém como Mao Tsé-tung ter sido uma adolescente, apesar de irreal, passa a ser algo possível de ser visualizado. Por isso, quando Kuang cria em seus livros a personagem Fang Runin, personificada de acordo com a vida política, militar e ideológica de Mao, inserida em um contexto histórico-cultural de um país fictício que tanto se assemelha com a história de um país real, é o Realismo Fantástico que nos ajuda a compreender através da fantasia de Kuang a trajetória da China.

Ao abordar nos livros da trilogia sobre os acontecimentos que transformaram a história de seu país, R.F. Kuang, de forma intencional ou não, faz de sua literatura um instrumento de

⁴ Rebecca F Kuang: ‘Who has the right to tell a story? It’s the wrong question to ask’. The Guardian. 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2023/may/20/rebecca-f-kuang-who-has-the-right-to-tell-a-story-its-the-wrong-question-to-ask>. Visualizado em 03 de janeiro de 2024

*soft power*⁵ chinês. Desde o início do século XX, até os dias atuais, é possível notar a centralidade das expressões artísticas e teóricas sobre os países do Norte Global, além de ser constatado a desvalorização de obras que não sejam provenientes dessa região. Como visto anteriormente neste trabalho, Kuang é uma mulher chinesa e, ao entender que os livros da trilogia *A Guerra da Papoula* contribuem para a evocação de períodos da história chinesa, possibilita com que a sua literatura fantástica contribua para a projeção de uma imagem positiva da China, como um país que perseverou apesar de ter sido arrasado por fatores internos e externos.

Para efeito comparativo, nas últimas décadas o Japão transformou-se em país “dócil”, ou *kawaii*⁶, em que é conhecido por seus mangás, *animes* e tecnologia avançada, indo na direção contrária à postura do país que massacrou milhares de pessoas e devastou territórios durante a 2ª GM e a 2ª GSJ. Sendo assim, é possível distinguir duas facetas de uma mesma estratégia: enquanto o *soft power* japonês causa o desvanecimento do conhecimento sobre as atrocidades cometidas pelo país, o *soft power* chinês, aqui caracterizado pela literatura de Kuang, os traz à tona.

A trilogia reverbera no tempo presente ao influenciar a realização de outros trabalhos, como este, que aborda ou tem como tema principal a história da China. Ao apresentar aos seus leitores a realidade através da fantasia, Kuang possibilita a criação de novos escritos, inclusive em outras línguas, pois instiga em seu público o desejo de entender melhor sobre o que está sendo descrito. Essa influência facilita a propagação do conhecimento sobre o país, em especial sobre a 2ª GSJ, período crucial para a história da China, mas que há uma escassez de documentos e textos em português, sendo encontrados majoritariamente em inglês.

Segundo Kuang, escrever *A Guerra da Papoula* permitiu que ela apresentasse traumas históricos através de um “espelho distorcido” (Kuang, 2019, p. 29 apud Healey, 2021). Esse “espelho distorcido” seria, nas Relações Internacionais e no contexto aqui inserido, o Realismo Fantástico. O expurgo desses traumas históricos da China ser realizado através da literatura fantástica permite classificar a trilogia como um instrumento contra hegemônico, tão característico da teoria, como nas obras latino-americanas do século XX.

Diante disso, a criação de uma narrativa a partir da ideia abstrata de um líder revolucionário ser uma adolescente gera efeitos que ultrapassam ambientes fictícios. Em meio

⁵ Wilson (2008) explica que *soft power* é o poder de persuasão do Estado, conseguindo aquilo que ele almeja sem utilizar a coerção.

⁶ A palavra *kawaii* é uma das mais populares da língua japonesa, sendo considerada uma representante da cultura pop do Japão, existindo até um movimento chamado “cultura *kawaii*”. Sua tradução é, basicamente, o significado de “fofo” ou “fofura” (Nittono, 2016).

às adversidades enfrentadas pela China desde o final do século XIX, como o Século da Humilhação e o Massacre de Nanquim, ter se tornado uma das maiores economias do mundo no século XXI é uma conquista impressionante. Por isso que, na finalização da trilogia, ao mudar o curso da narrativa e mostrando o “fracasso” de Rin, Kuang expressa como essa façanha foi uma exceção. Sobreviver em um Sistema Internacional predominantemente capitalista, principalmente após a queda da URSS e com o protagonismo do “fim da história”⁷, faz o leitor de *A Guerra da Papoula* enxergar a China sob uma nova ótica.

Entende-se, portanto, a importância da teoria do Realismo Fantástico como instrumento que fomenta o conhecimento, especialmente em países do Sul Global, em que é possível encontrar nas expressões artísticas um movimento instrutivo que provém ao seu público a manifestação da história e cultura de um país e seu povo, tal como visualizado neste trabalho através da literatura fantástica. Além disso, é perceptível a presença das particularidades da teoria na execução da trilogia, causando a promoção da imagem da China e o fortalecimento da literatura regional chinesa. Dessa forma, Rebecca F. Kuang ao escrever *A Guerra da Papoula*, e criar Fang Runin como uma resposta a sua curiosidade em entender como alguém vai de camponesa a uma perpetradora de genocídio, altera a recepção da sua fantasia ao convertê-la em uma narrativa histórica que exprime traumas geracionais da população chinesa.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. C. **A tomada do palco: performances sociais de Mao Tsé-Tung a Martin Luther King, e a Black Lives Matter hoje.** Sociologias, v. 19, p. 198-246, 2017.

ARTUZA, V. **O selo de Jade Imperial Taiping e o Reino do Filho Chinês de Deus.** Epígrafe, v. 8, n. 8, p. 13-44, 2020.

CAMPOS NETO, A. A. M. de. **O Confucionismo, Budismo, Taoismo e Cristianismo. O Direito chinês.** Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, [S. l.], v. 110, p. 67-94, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/115486>.

⁷ O fim da história de Fukuyama significou uma abordagem dominante no início da década de 1990 de que o modelo ocidental liberal democrático seria o único possível dali em diante, não havendo outras alternativas para as sociedades e Estados nas relações internacionais.

CARR, E. H. **Vinte anos de crise: 1919-1939**. Ed. Universidade de Brasília, 1981.

CERQUEIRA, A. L. S. **O realismo mágico nas Short Stories de Neil Gaiman, um contador de histórias da contemporaneidade**. 2010. 123 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102363>>.

COBLE, P. M. **China's “new remembering” of the Anti-Japanese War of Resistance, 1937–1945**. *The China Quarterly*, v. 190, p. 394-410, 2007.

CORDEIRO, A. L. M.. **Taoísmo e Confucionismo: duas faces do caráter chinês**. *Sacrilegens*, v. 6, n. 1, p. 4-11, 2009.

COGGIOLA, O. **A revolução chinesa**. São Paulo: Moderna. Acesso em: 11 jan. 2024 , 1985

COUTINHO, F. F. **Para este mundo “tremendamente tedioso”, algo que “não lhes cabia na imaginação”:** reflexões sobre o fantástico moderno e o realismo mágico a partir de contos de Murilo Rubião e Gabriel García Márquez. 2012. 161 f. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

COUTO, S. P. **A extraordinária história da China**. Universo dos Livros Editora, 2008.

CUCCHISI, J. L. **The Causes and Effects of the Chinese Civil War, 1927-1949**. Seton Hall University Dissertations and Theses (ETDs). 2002.

DE JESUS, D. S. V.; TÉLLEZ, C. A.. **Concerto para nenhuma voz? Arte e estética no estudo das relações internacionais**. *EXAMÃPAKU*, v. 7, n. 3, p. 57-78, 2014.

DE LACERDA, G. B. **Algumas teorias das relações internacionais: realismo, idealismo e grocianismo**. *Revista Intersaberes*, v. 1, n. 1, p. 56-77, 2006.

DE OLIVEIRA ROCHA, M. A. G.; JAECKEL, V. K. L. **A função do Realismo Fantástico na literatura latina a exemplo dos autores Gabriel Garcia Márquez e Jorge Amado.** Missangas: Estudos em Literatura e Linguística, v. 3, n. 6, p. 26-40, 2022.

DO CARMO, A A. **Considerações sobre o fantástico na literatura.** Revista Memento, v. 6, n. 1, 2015.

DUTRA, L. **Teoria das Relações Internacionais: do realismo à teoria verde.** SÉCULO XXI: Revista de Relações Internacionais-ESPM-POA, v. 6, n. 1, p. 109-122, 2015.

ELLIOTT, W. **The "Heart and Stomach of a Woman"?: Gendering War in R. F. Kuang's The Poppy War.** Femspec, v. 19, n. 1, p. 124-127, 2019.

FELIPPE, F. **Repensando a Guerra da Coreia: O papel das grandes potências na criação e perpetuação do conflito na península coreana.** III Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Estudos de Defesa. Rio de Janeiro, 2019.

FENG, L.; RUIZHUANG, Z. (2006). **The typologies of realism.** The Chinese Journal of International Politics, 1(1), 109-134.

GAO, R.; ALEXANDER, J. C. **Remembrance of things past: Cultural trauma, the "Nanking massacre," and Chinese identity.** The Oxford Handbook of Cultural Sociology, Oxford Handbooks, 2012.

GILBERT, M. **A segunda guerra mundial.** Leya, 2012.

GOMES, F. V.; KIST, L. B. **A crítica à ditadura militar através do realismo fantástico na obra "Incidente em Antares", de Erico Verissimo.** Disciplinarum Scientia Artes, Letras e Comunicação, v. 18, n. 1, p. 75-91, 2017.

GORDON, D. M. **The China-Japan War, 1931-1945.** The Journal of Military History, v. 70, n. 1, p. 137-182, 2006.

GRYNSZPAN, M. **A teoria das elites e sua genealogia consagrada**. BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, n. 41, p. 35-83, 1996.

HEALEY, C. **Reimagining China's Colonial Encounters: Hybridity in Stephen Fung's Tai Chi Zero and RF Kuang's The Poppy War Trilogy**. *Comparative Literature & World Literature*, v. 6, p. 1, 2021.

JACKSON, R.; SORENSEN, G. **Introdução às relações internacionais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

JESUS, S. C. de. **Realismos maravilhoso, fantástico e transculturação na composição literária de Cem anos de solidão**. 77f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

KRASKA, J. **Contemporary maritime piracy: international law, strategy, and diplomacy at sea**. Bloomsbury Publishing USA, 2011.

KUANG, R. F. **A Deusa em Chamas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023a.

KUANG, R. F. **A Guerra da Papoula**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

KUANG, R. F. **A República do Dragão**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023b.

KUANG, R. F. **The Burning God**. 1º edition. London: Harper Voyage, 2020.

LOBO, C. E. R. **A República Popular da China e a Trajetória das suas Forças Armadas**. São Paulo: Grupo de Estudos da Ásia-Pacífico (GEAP) da PUC-SP. Disponível em: <http://www.pucsp.br/geap/artigos/art3.pdf>. Acesso em, 2023.

LYNCH, M. **The Chinese Civil War: 1945–49**. Bloomsbury Publishing, 2022.

MACEDO, E. U. **O imperialismo japonês na Ásia: da Era Meiji à Segunda Guerra Mundial**. *Mais Orientes*, p. 71, 2017.

MACIEL, M. E. de S. **A eugenia no Brasil**. Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. N. 11 (jul. 1999), p. 121-143, 1999.

MAESTRI, M. **O despertar do Dragão**. Revista Espaço Acadêmico, v. 21, n. 230, p. 211-238, 2021.

MAIA, G. L. **Alumbrar-se: realismo mágico e resistência às ditaduras na América Latina**. ANAMORPHOSIS-Revista Internacional de Direito e Literatura, v. 2, n. 2, p. 371-388, 2016.

MARÇAL, M. R. **A tensão entre o fantástico e o maravilhoso**. FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, n. 3, 2009.

MARCELLO NETO, M. **Entre a bomba atômica e os crimes de guerra: o negacionismo e a historiografia japonesa em perspectiva**. Revista Brasileira de História, v. 41, p. 37-60, 2021.

MITTER, R. **China's war with Japan, 1937-1945: The struggle for survival**. Penguin UK, 2013.

MOHANTY, C. T. **Feminism without borders: Decolonizing theory, practicing solidarity**. Zubaan, 2006.

NITTONO, H. **The two-layer model of 'kawaii': A behavioural science framework for understanding kawaii and cuteness**. East Asian Journal of Popular Culture, v. 2, n. 1, p. 79-95, 2016.

OLIVEIRA, S. **Realismo na literatura brasileira**. IESDE BRASIL SA, 2008.

PARR, J. **Primary Source: The Pirate Zheng Yi Sao and a Fine Press Publisher**. Not Even Past: Features, 2022.

Pauwels, L.; Bergier, J. **O despertar dos mágicos**. São Paulo: Difusão, 1987

PEATTIE, M.; DREA, E.; VAN DE VEN, H. (Ed.). **The Battle for China: Essays on the Military History of the Sino-Japanese War of 1937-1945**. Stanford University Press, 2010.

PEDRA, L. C. N. **A Construção do fantástico na literatura**. Revista Conhecimento Online, v. 1, 2013.

PEREIRA, D. N. R. **Considerações sobre o fantástico**. Revista Memento, v. 4, n. 2, 2014.

PINZANI, A. **Maquiavel & o príncipe**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

PIRES, A. A. **O Realismo maravilhoso em José J. Veiga**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.

POMAR, W. **A revolução chinesa**. Unesp, 2003.

SHENG, S. **A história da China Popular no século XX**. Editora FGV, 2012.

SIFFERT, A. Q. **O realismo do fantástico: teoria geral e obras exemplares**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SILVA, A. S. **O massacre de Nanking: a Violência de Gênero Contra a Mulher Durante a Ocupação Japonesa na China (dez/1937-fev/1938)**. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SILVA, J. T. **A consolidação do poder por Xi Jinping**. Janus 2018-2019. Conjuntura internacional: a dimensão externa da segurança interna, 2018.

SILVA, L. C. F.; LOURENÇO, D. da S. **O gênero literário fantástico: considerações teóricas e leituras de obras estrangeiras e brasileiras**. 2016.

STEDILE, M. E. **O pensamento de Xi Jinping e o Socialismo com Características Chinesas**. Revista Estudos do Sul Global, v. 2, n. 2, 2023.

TOKUSHI, K. **Remembering the Nanking massacre**. In: Nanking 1937. Routledge, 2015. p. 75-94.

TREVISAN, S. J. **El Ejército de Terracota del Emperador Qin Shihuang**. Museo, 1995.

VAZ-PINTO, R. **A Guerra Sino-Japonesa e o fim da República da China**. Relações Internacionais (R: I), n. 48, p. 171-174, 2015.

VISACRO, A. **Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. Editora Contexto, 2015.

WEFFORT, F. C. (Org). **Os clássicos da política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, “o Federalista”**. São Paulo: Ática, 2001. 13. ed. 287p.

WESTAD, O. A. **Decisive encounters: the Chinese civil war, 1946-1950**. Stanford University Press, 2003.

WILLIAMS, M. C. **Why ideas matter in international relations: Hans Morgenthau, classical realism, and the moral construction of power politics**. International organization, v. 58, n. 4, p. 633-665, 2004.

WILSON III, E. J. **Hard power, soft power, smart power**. The annals of the American academy of Political and Social Science, v. 616, n. 1, p. 110-124, 2008.

XING, L. **Conceptualizing ‘meritocracy’ as ruling legitimacy in the course of China’s history, transformation, and global rise**. In: The Routledge Handbook of Chinese Studies. Routledge, 2021. p. 127-145.

ZHOU, L. **O Século de Humilhação e a Sua Influência na Construção da Identidade Nacional da China**. E-Revista de Estudos Interculturais, n. 9, Vol. 1, 2021.